

A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares

Ana Catarina Botelho Antunes

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Setembro, 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva e sob a coorientação científica da Professora Doutora Maria Cristina F. Saraiva P. Gonçalves.

*“Sabemos que os Surdos podem fazer tudo
o que os ouvintes fazem, excepto ouvir.”*

(I. King Jordan)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que com a sua contribuição e boa vontade contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

À orientadora Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva e à coorientadora Professora Doutora Maria Cristina F. Saraiva P. Gonçalves.

Aos profissionais da Associação Portuguesa de Surdos.

Ao diretor, aos professores e aos alunos da EREBAS.

Aos familiares e amigos.

A todos os meus sinceros agradecimentos!

Resumo

O presente estudo visa dar resposta ao objetivo inicialmente proposto que consiste em identificar os elementos que fazem com que os alunos surdos se sintam incluídos numa sala de aula regular. Este objetivo advém da questão de partida “O que leva alunos surdos a sentirem-se incluídos em turmas de ensino regular?”.

Na metodologia utilizaram-se, como métodos de recolha de dados, o questionário e a entrevista. Os questionários foram aplicados aos alunos surdos, aos alunos ouvintes e aos professores titulares de turma. As entrevistas foram respondidas pelos professores titulares de turma e pelos professores de Educação Especial. Todo o trabalho foi desenvolvido numa escola específica da região de Lisboa e Vale do Tejo.

A análise dos questionários aplicados aos alunos surdos permitiu verificar que os alunos surdos: gostam de ir à escola; sentem-se bem na turma; conseguem acompanhar a aula; conseguem perceber a matéria da aula; os colegas ajudam-nos com os trabalhos na sala de aula; costumam trabalhar em grupo; costumam brincar com os colegas ouvintes no recreio; os colegas ouvintes têm algumas noções de Língua Gestual Portuguesa; não se sentem gozados pelos colegas ouvintes; gostam do professor da turma; têm apoio fora da sala de aula para ajuda nas aprendizagens.

Deste modo, parece poder concluir-se que os elementos que fazem com que os alunos surdos se sintam incluídos numa sala de aula regular são o apoio dos colegas ouvintes e o apoio e acompanhamento dos professores.

Palavras-chave: inclusão, língua gestual, ensino regular, surdez.

Abstract

The present study tries to achieve the initially proposed objective that consists of identifying the elements that make deaf students feel included in a regular classroom. This aim answers the starting question “What makes deaf students feel included in regular teaching classes?”

The methodological resources used to collect data were the questionnaire and the interview. The questionnaires were applied to deaf students, to hearing students and to the regular teachers. The interviews were answered by regular teachers and by Special Education teachers. All this work was carried out in a specific school in the Lisboa and Vale do Tejo region.

The analysis of the questionnaires applied to deaf students permitted to draw the following conclusions: deaf students like to go to school; they feel comfortable in the classroom; they can follow the lesson; they can understand the subject that is taught; their hearing classmates help them with the tasks in the classroom; they usually do group work; in the playground they play with their hearing mates; the hearing students are given some notions of Portuguese Sign Language; they don't feel rejected because of their deafness; they like their teacher; they have the assistance of Special Education teachers who help them out of the classroom.

This way, it seems we can conclude that the elements that make deaf students feel included in a regular classroom are the support of their hearing peers and the assistance and support provided by their teachers.

Keywords: inclusion, sign language, regular education, deafness.

Índice

Introdução	1
Fundamentação teórica.....	3
1 – Surdez e linguagem.....	3
1.1. Caracterização da surdez	3
1.1.1. Tipos de surdez	3
1.1.2. Causas da surdez.....	4
1.1.3. Graus de surdez	5
1.2. Acesso à oralidade.....	6
1.2.1. Momento de aquisição da surdez.....	6
1.2.2. Ajudas auditivas	7
1.3. Aquisição da língua gestual.....	9
2 – Os surdos na escola	12
2.1. Breve percurso histórico em Portugal	12
2.2. A legislação.....	15
2.3. Escolas de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS) .	19
3 – A inclusão de alunos surdos	20
3.1. A escola inclusiva.....	20
3.2. A inclusão do aluno surdo na escola regular	22
Estudo empírico.....	25
1. Metodologia	25
1.1. Participantes.....	26
1.2. Caracterização da instituição	26

1.3. Caracterização da Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos	29
1.4. Instrumentos	31
1.5. Procedimentos	33
2. Análise e discussão dos resultados.....	36
2.1. Análise dos questionários dos alunos surdos	36
2.2. Análise dos questionários dos alunos ouvintes	38
2.3. Análise dos questionários e das entrevistas aos professores	39
2.4. Discussão dos resultados	44
Conclusões e recomendações	47
Bibliografia.....	51
Anexos	55

Índice de figuras

Figura 1 – Constituição do ouvido	4
Figura 2 – Prótese intra-auricular	8
Figura 3 – Prótese intracanal (CIC)	8
Figura 4 – Prótese intracanal profundo (CIC)	8
Figura 5 – Prótese retroauricular	8
Figura 6 – Implante coclear	9

Índice de quadros

Quadro 1 – Classificação dos graus de surdez e respetiva percepção sonora de acordo com a perda auditiva em dB.....	5
Quadro 2 – Comportamento auditivo do sujeito de acordo com os diferentes graus de surdez	6

Lista de anexos

Anexo 1 – Autorizações dos encarregados de educação

Anexo 2 – Questionários aos alunos surdos

Anexo 3 – Análise dos questionários aos alunos surdos

Anexo 4 – Questionários aos alunos ouvintes

Anexo 5 – Análise dos questionários aos alunos ouvintes

Anexo 6 – Questionários aos professores titulares de turma

Anexo 7 – Análise de conteúdo dos questionários aos professores titulares de turma

Anexo 8 – Guião das entrevistas aos professores titulares de turma e aos professores de Educação Especial

Anexo 9 – Protocolo das entrevistas aos professores titulares turma e aos professores de Educação Especial

Anexo 10 – Análise de conteúdo das entrevistas aos professores titulares de turma e aos professores de Educação Especial

Introdução¹

A presente dissertação de mestrado foi realizada no âmbito do mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O tema escolhido para esta dissertação – “A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares” – resulta dos dois ciclos de formação académica e também de uma área de interesse pessoal. Deste modo, o tema inclusão diz respeito à formação inicial em Educação Social; os alunos surdos, a uma área de interesse; por fim, as salas de aula regulares, que se relacionam com o mestrado em Ciências da Educação.

A pertinência do presente estudo surge pela existência de alunos ouvintes e alunos surdos na mesma sala de aula de ensino regular. Assim, e partindo da questão – *O que leva alunos surdos a sentirem-se incluídos em turmas de ensino regular?* –, este estudo teve como objetivo identificar os elementos que fazem com que os alunos surdos se sintam incluídos numa sala de aula regular.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes: a fundamentação teórica, o estudo empírico e as conclusões. Na fundamentação teórica faz-se uma abordagem à surdez, ao surdo na escola e à inclusão de alunos surdos, seguindo-se o estudo empírico, que inclui a metodologia na qual se identificam os participantes, faz-se a caracterização da escola, a descrição dos instrumentos e dos procedimentos, e, por fim, a descrição e análise dos resultados. Por último apresentam-se as conclusões e recomendações decorrentes das mesmas.

No primeiro capítulo da fundamentação teórica aborda-se a surdez e a linguagem com a finalidade de compreender e enquadrar as temáticas em análise. Caracterizou-se a surdez, enunciando os tipos, as causas e os graus da mesma. Seguiu-se o acesso à oralidade abordando o momento de aquisição/situação da surdez e definindo as ajudas auditivas existentes, para concluir com a aquisição da língua gestual.

¹ Este trabalho foi redigido ao abrigo do novo acordo ortográfico.

No segundo capítulo, relativo aos surdos na escola, desenvolveu-se brevemente o percurso histórico em Portugal, a legislação existente, assim como, uma abordagem às escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos.

No terceiro capítulo, que diz respeito à inclusão de alunos surdos, focou-se a escola inclusiva e a inclusão do aluno surdo na escola regular.

Na segunda parte do trabalho, que corresponde ao estudo empírico, aplicámos dois tipos de métodos de recolha de dados: o questionário e a entrevista.

Os questionários aplicados aos alunos, que continham algumas questões de resposta fechada, foram tratados sob a forma de gráficos e, posteriormente, traduzidos os seus resultados para um formato textual. Os questionários aplicados aos professores e as entrevistas realizadas aos mesmos foram objeto de uma análise de conteúdo.

Fundamentação teórica

1 – Surdez e linguagem

1.1. Caracterização da surdez

1.1.1. Tipos de surdez

De acordo com Almeida et al. (2004) existem dois tipos de surdez: a surdez de condução e a surdez neurossensorial; contudo, Afonso (2008) aponta para a existência de um terceiro tipo de surdez mista.

A surdez de condução verifica-se quando existe uma lesão no ouvido externo ou no ouvido médio (Figura 1). Quando tal acontece, geralmente a perda auditiva é ligeira ou moderada e não excede os 50-60 dB². Este tipo de surdez é, em muitos casos, temporária e por vezes pode ser tratada com medicamentos ou cirurgia (Almeida et al., 2004).

A surdez neurossensorial verifica-se quando existe uma lesão no ouvido interno, no nervo auditivo ou no córtex cerebral (Figura 1). Em grande parte dos casos situa-se no ouvido interno. Este tipo de surdez pode dar origem a uma perda auditiva ligeira ou, até mesmo, a uma perda auditiva muito grave ou total e quando instalada não se verificam progressos, em alguns casos chega mesmo a piorar com o passar do tempo. A utilização de um aparelho auditivo pode ser a solução para este tipo de surdez (Almeida et al., 2004).

Segundo Afonso (2008), existe ainda um terceiro tipo, a surdez mista, que consiste na existência de uma lesão situada no ouvido médio e interno, afetando deste modo os componentes de transmissão e perceção.

O tipo de surdez define-se pela localização da lesão no ouvido humano e também pelas consequências que trará ao aparelho auditivo (Afonso, 2008).

² Decibel (dB) é a unidade de medida que serve, em acústica, para definir uma escala de intensidade sonora (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2012).

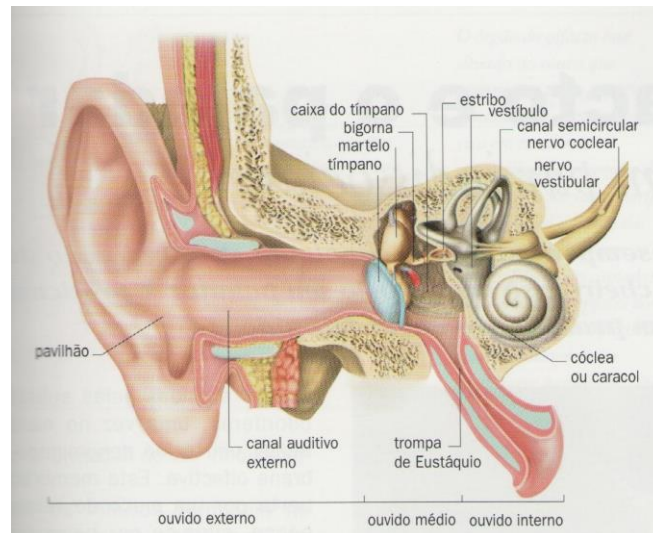


Figura 1 - Constituição do ouvido (adaptado de Nova Enciclopédia Larousse, 1997, p. 5235)

1.1.2. Causas da surdez

De acordo com Almeida et al. (2004) existem diversas lesões que podem levar a situações de surdez. Estas lesões podem ocorrer antes do nascimento (pré-natais) ou depois do nascimento (pós-natais).

As causas pré-natais originam a surdez congênita e dividem-se em causas ambientais e causas genéticas. As causas ambientais abrangem infeções (como herpes vírus, rubéola, sífilis, etc.) e outras complicações que ocorrem durante a gravidez. As causas genéticas são as que se verificam em maior número, e podem ser ou não transmitidas na família. As complicações que podem surgir durante ou logo após o parto podem determinar perdas auditivas de grau variável (Almeida et al., 2004).

As causas pós-natais originam a surdez adquirida. Este tipo de surdez pode surgir devido a infeções graves (como meningite) e a outras doenças contraídas na infância (como papeira, sarampo ou tosse convulsa), sendo que para grande parte destas doenças já existem vacinas bastante eficazes. Existem outras causas menos frequentes (como exposição a ruídos muito intensos, tratamentos com medicamentos tóxicos para o ouvido ou traumatismos cranianos graves) que podem provocar a surdez nas crianças. Em muitos casos não se conhecem as causas da surdez (Almeida, et al., 2004).

1.1.3. Graus de surdez

Segundo Afonso (2008), os graus de surdez são vários e classificam-se de acordo com a intensidade de perda auditiva (Quadro 1). No entanto, o conceito de surdez diz respeito a uma perda total da audição, apesar de geralmente se utilizarem os conceitos de surdez ligeira, moderada, severa e profunda (Almeida et al., 2004).

O ouvido humano tem poder para alcançar sons com frequências que se encontram entre os 20 Hz³ e os 20 000 Hz (Almeida et al., 2004). Porém, para que exista uma boa percepção da fala as frequências devem encontrar-se entre os 250 e os 4000 Hz, deste modo será desenvolvida a fala dentro da normalidade caso não se verifiquem outras anomalias (Afonso, 2008).

Por vezes torna-se difícil identificar com precisão qual o grau de surdez de uma criança devido à sua idade. Para se definir o grau de surdez considera-se o índice de Fletcher, o qual, a partir da via aérea, atenta em frequências de 500, 1000 e 2000 Hz como a média do limiar auditivo (Nunes, 1998, cit. por Afonso, 2008).

Intensidade (dB)	Grau de surdez	Percepção sonora
20 - 40	Ligeira	Dificuldade na percepção da fala sussurrada em ambiente calmo e a curta distância.
40 - 60	Moderada	Dificuldade na percepção da fala normal em ambiente calmo e a curta distância.
60 - 90	Severa	Ausência da percepção da fala. Apenas ouve sons fortes, como o ruído do aspirador a curta distância.
>90	Profunda	Ausência da percepção da fala. Apenas ouve sons muito intensos, como o de um martelo pneumático a curta distância ou o componente de vibração de um som muito forte.

Quadro 1 – Classificação dos graus de surdez e respetiva percepção sonora de acordo com a perda auditiva em dB (adaptado de Almeida et al, 2004)

Conhecendo o grau de surdez, é possível identificar o comportamento auditivo do mesmo, tal como se verifica de seguida no quadro 2.

³ Hertz (Hz) é a unidade de medida da frequência de um som e corresponde a um ciclo por segundo (Afonso, 2008).

Grau de surdez	Comportamento auditivo
Ligeira	<ul style="list-style-type: none">- Em ambientes ruidosos pode ter dificuldade em entender mensagens, sobretudo com palavras de uso pouco frequente;- Não identifica totalmente os sons produzidos com voz ciciada;- A utilização de prótese auditiva favorece uma melhor percepção;- Pode apresentar pequenas dificuldades articulatórias.
Média	<ul style="list-style-type: none">- Só identifica palavras se forem produzidas com elevação de voz;- É necessária a colocação de uma prótese auditiva para que consiga aceder aos sons;- Pode não conseguir acompanhar uma discussão em grupo;- A articulação é bastante imprecisa;- A linguagem expressiva oral apresenta-se limitada.
Severa	<ul style="list-style-type: none">- Consegue ouvir apenas os sons próximos;- Só consegue perceber algumas palavras se amplificadas;- O processo de aquisição da linguagem oral não é feito de forma espontânea.
Profunda	<ul style="list-style-type: none">- Não consegue perceber a fala através da audição, mas pode perceber sons altos e vibrações;- Apresenta muitas limitações para a aquisição da linguagem oral.

Quadro 2 – Comportamento auditivo do sujeito de acordo com os diferentes graus de surdez (adaptado de Afonso, 2008)

1.2. Acesso à oralidade

1.2.1. Momento de aquisição da surdez

O momento de aquisição da surdez é, segundo Oliveira, Castro e Ribeiro (2002), definido de acordo com a aquisição da linguagem e a capacidade da leitura. Deste modo, existe a surdez pré-lingual, a surdez peri-lingual e a surdez pós-lingual.

A surdez pré-lingual verifica-se quando a criança ainda não fala nem lê e, por isso, existe “total ausência de memória auditiva” (Oliveira, Castro & Ribeiro, 2002), pois a criança ainda não adquiriu linguagem, assim é difícil estruturar a mesma.

A surdez peri-lingual surge quando a criança já fala mas ainda não lê, portanto, se não houver um acompanhamento eficiente, a linguagem adquirida até esta altura será rapidamente perdida (Oliveira, Castro & Ribeiro, 2002).

A surdez pós-lingual ocorre quando a criança já fala e lê. Neste momento, visto que a criança já lê, a leitura será um meio que irá impedindo o retorno na linguagem (Oliveira, Castro & Ribeiro, 2002).

1.2.2. Ajudas auditivas

A criança surda deve começar a ser “aparelhada” logo que a sua surdez seja detetada, pois isso fará com que a criança se adapte mais facilmente ao aparelho e será um bom suporte para a evolução da sua linguagem (Nunes, 1999).

Segundo o mesmo autor, a criança está apta a iniciar o uso de um aparelho auditivo desde os 6 meses de idade. Este aparelho passará a “ser um elemento natural, fazendo parte integrante da sua personalidade e do seu corpo” (Nunes, 1999, p. 24). Contudo, o uso de aparelho não transforma a criança surda em ouvinte (Redondo & Carvalho, 2001).

Nunes (1999) refere que “O aproveitamento que cada criança vai retirar da aparelhagem é muito variado” (p. 24). Este aproveitamento depende de fatores como a idade em que a criança adquiriu a surdez, a causa e o tipo de surdez, a estimulação, as capacidades da criança e o seu meio familiar.

A reabilitação auditiva pode ser efetuada através da colocação de uma prótese auditiva ou de um implante.

A prótese auditiva, segundo Henriques (2010), consiste num aparelho miniamplificador cuja finalidade é “captar e conduzir a onda sonora, adicionando energia necessária, e evitando a dispersão do som, com a menor distorção possível” (p. 67).

De acordo com o mesmo autor, a prótese auditiva tem como objetivo “aproveitar a audição residual de modo eficaz através de um mecanismo de amplificação” (p. 67). Por sua vez, Nunes (2003) complementa esta informação referindo que a prótese permite “tornar audíveis os sons do ambiente e a fala, sem serem desconfortáveis” (p. 250).

No que diz respeito à adaptação da prótese, para que esta seja eficaz, é necessário proporcionar uma amplificação apropriada para obter uma maior clareza da fala e do som, assim como, um nível sonoro confortável. Para isso, a prótese deve ser “moldada de forma a compensar a perda de sensibilidade auditiva em consequência da surdez” (Nunes, 2003, p. 250).

Henriques (2010) menciona que as próteses auditivas vão sofrendo cada vez mais alterações de forma a tornarem-se mais apelativas, tanto esteticamente como ao nível funcional. As próteses podem ser analógicas e digitais; no entanto, as mais procuradas são as digitais.

Existem diversos tipos de próteses: intra-auricular (Figura 2), intracanal (Figura 3), intracanal profundo (CIC - Complete in the Canal) (Figura 4), óculos auditivos, prótese de caixa ou bolso e retroauricular (Figura 5) (Nunes, 2003).



Figura 2 - Prótese intra-auricular



Figura 3 - Prótese intracanal (CIC)

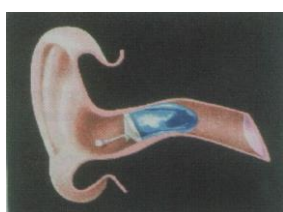


Figura 4 - Prótese intracanal profundo (CIC)



Figura 5 - Prótese retroauricular

Por outro lado, existe o implante coclear (Figura 6) que consiste numa “prótese auditiva eléctrica, complexa, que utiliza a estimulação directa do nervo auditivo, ultrapassando a cóclea, para produzir sensações auditivas” (Alves & Pacheco, 2003, p. 234). Em 2010, Henriques definiu o implante coclear como sendo “um dispositivo electrónico também conhecido como ouvido biónico, que estimula as células nervosas do ouvido interno (células ciliadas), permitindo a transmissão do estímulo eléctrico através do nervo auditivo até ao córtex cerebral onde será decodificado” (p. 75).

O implante e a prótese auditiva têm um desempenho distinto, visto que a prótese amplifica a onda sonora, ao contrário do implante que transmite estímulos elétricos às diversas partes da cóclea (Henriques, 2010).

O implante coclear pode ser colocado em crianças (a partir dos 18 meses de idade) e em adultos que possuam surdez adquirida ou congênita, bilateral, profunda ou severa, aos quais a prótese auditiva não traz qualquer vantagem (Alves & Pacheco, 2003).



Figura 6 – Implante coclear

Segundo Henriques (2010), em Portugal, foi colocado o primeiro implante num adulto em 1988 no Centro Hospitalar de Coimbra e em 1992 foi colocado na primeira criança. A nível mundial existem mais de 100 000 pessoas com implante coclear.

1.3. Aquisição da língua gestual

A Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura (2000) define língua gestual como uma língua concebida pela comunidade surda. Todas as línguas gestuais possuem a mesma organização espacial, percepção visual e processos gramaticais exclusivos. A Língua Gestual Portuguesa teve o seu primeiro estudo linguístico em 1983 que resultou de um Seminário Interdisciplinar sobre “Linguagens de Signos” que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Segundo Quadros (2010), após a realização de vários estudos, verificou-se que a aquisição da língua gestual e a aquisição das línguas orais têm diversos aspetos em comum. A aquisição da linguagem é realizada através de uma sequência de estádios:

período pré-linguístico, estágio de um gesto, estágio das primeiras combinações e estágio de múltiplas combinações.

Relativamente ao período pré-linguístico foi realizada uma pesquisa por Petitto e Marentette (1991, cit. por Quadros, 2010) que tinha como objeto de estudo o balbucio nos bebês surdos e ouvintes entre o seu nascimento e os 14 meses de idade. Desta forma, foi possível verificar que o balbucio ocorre em todos os bebês, sejam eles surdos ou ouvintes, através de sons e de gestos.

Com base neste estudo, observaram também que os bebês surdos apresentavam balbucio silábico, o qual ostentava “combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas gestuais” (p. 34). Os bebês surdos apresentavam também gesticulação embora não se verificasse qualquer tipo de organização interna (Quadros, 2010).

Tanto os bebês surdos como os bebês ouvintes produzem e desenvolvem o balbucio oral e o balbucio manual de forma semelhante, no entanto, a partir de um certo estágio começam a desenvolver a sua própria modalidade. Daí em diante, cada bebê produz o balbucio de acordo com o seu meio. Os bebês surdos suspendem as vocalizações, por seu lado, os bebês ouvintes suspendem as produções manuais. Em cada bebê o desenvolvimento de determinado balbuciar é derivado da língua a que a criança tem acesso (Quadros, 2010).

As analogias presentes no desenvolvimento do balbucio oral e do balbucio manual apontam para que o ser humano possua capacidade linguística que suporte a aquisição de linguagem, qualquer que seja a sua modalidade linguística, oral-auditiva ou espaço-visual (Quadros, 2010).

Em seguida, ocorre o estágio de um gesto, este tem início cerca dos 12 meses e termina por volta dos 2 anos de idade. Neste estágio, a criança surda começa a apontar e usa a linguagem não-verbal para se exprimir. É neste ponto que a criança começa, ainda que com “configurações de mão e movimentos imperfeitos” (Quadros, 2010, p. 35), a imitar os gestos dos outros. Alguns destes gestos podem já começar a ganhar sentido.

Segundo Petitto e Bellugi (1988, cit. por Quadros, 2010), as crianças surdas com idade inferior a 2 anos não utilizam o apontar da ASL⁴, suprimindo a mesma quando imitavam os pais. Sabe-se que, tanto as crianças surdas como as crianças ouvintes, com idade inferior a 1 ano, apontam quando querem indicar algo, sendo que mais tarde, ao iniciar o estágio de um gesto, o apontar deixa de existir. Assim, de acordo com Petitto (1987, cit. por Quadros, 2010, p. 36), pode ser justificado pela “reorganização básica em que a criança muda o conceito de apontar”, passa de um conceito que consistia num apontar gestual (pré-linguística) para um elemento do sistema gramatical da língua gestual (linguístico).

Por volta dos 2 anos de idade surge o estágio das primeiras combinações. Nesta fase, a criança surda fala acerca do que a rodeia com palavras isoladas ou gestos. A linguagem é utilizada quando a criança pretende centrar as atenções em si, pedir algo ou reclamar. Nesta etapa, a comunicação da criança é superior ao que ela consegue produzir de forma explícita (Quadros, 2010).

Por fim, ocorre o estágio de múltiplas combinações que surge por volta dos 2 anos e meio a 3 anos. Neste momento ocorre a “explosão do vocabulário” (Quadros, 2010, p. 37), em que a criança apresenta mais capacidade de comunicação, contudo, não consegue exprimir tudo em palavras e não subentende tanto como no estágio anterior. Neste estágio, a criança usa frases.

⁴ ASL – American Sign Language (Língua Gestual Americana)

2 – Os surdos na escola

2.1. Breve percurso histórico em Portugal

Segundo Carvalho (2007), a História da Educação de Surdos em Portugal iniciou o seu percurso no ano 1823 e dividiu-se em três períodos.

De acordo com Carvalho (2007), o primeiro período começou em 1823 e terminou em 1905, tendo como base a metodologia gestual com suporte na escrita. O rei D. João VI, incitado pela princesa D. Isabel Maria, sua filha, chamou o professor sueco Per Aron Borg com o objetivo de construir, em Portugal, o primeiro instituto para surdos, à semelhança do Instituto que já existia em Estocolmo fundado pelo referido professor. Aquando da sua fundação, os custos eram assumidos pelo rei D. João VI, no entanto, mais tarde estes passaram a ser assumidos pela Casa Pia de Lisboa, assim como a sua tutela.

Entre 1823 e 1828, o método utilizado pelo professor Per Aron Borg era o método gestual⁵ e o alfabeto manual⁶ (Carvalho, 2007).

A 15 de fevereiro de 1834 o Instituto deixou de ser autónomo, tendo a Casa Pia de Lisboa assumido a sua administração. A partir deste momento o ensino no Instituto de Surdos entrou em decadência (Carvalho, 2007).

Até 1860 foram vários os diretores que passaram pela direção do Instituto de Surdos, que em consequência da degradação do ensino e dos problemas financeiros acabou por encerrar (Carvalho, 2007).

O mesmo autor refere que dez anos mais tarde, em 1870, reaparece o ensino de surdos lecionado pelo Padre Pedro Maria Aguilar e foi através do estudo de várias obras importantes sobre o ensino de surdos que o Padre decidiu abrir um curso gratuito para surdos no Liceu de Marvila, em Lisboa.

Em 1872, funda mais um Instituto para o ensino de surdos, desta vez em Guimarães, com Eliseu Aguilar, seu sobrinho. Este Instituto fechou pouco tempo

⁵ O método gestual baseia-se numa comunicação por gestos sem oralizar.

⁶ O alfabeto manual consiste na dactilologia.

depois e em 1877 o Padre consegue um subsídio da Câmara Municipal do Porto e estabelece aí um Instituto de Surdos. A Câmara Municipal de Lisboa estabelece em 1887 um Instituto Municipal de Surdos e convida Eliseu Aguilar para a direção. Ao aceitar encerra o Instituto de Surdos do Porto (Carvalho, 2007).

Em 1891, José Miranda de Barros substituiu Eliseu Aguilar. Usava o método oralista⁷ e reprovava a língua gestual. Após a saída do professor Miranda de Barros o ensino entrou em decadência (Carvalho, 2007). Até esta data foi utilizada outra metodologia, o método da mímica e da linguagem escrita.

O Instituto de Surdos, que em 1887 encerrou no Porto, só em 1893 voltou a reabrir suportado por uma parte da fortuna deixada por José Rodrigues Araújo Porto à Santa Casa da Misericórdia (Carvalho, 2007).

Para desenvolver o ensino no Instituto, a Misericórdia do Porto destacou o médico Luís António Rodrigues Lobo e, também, Nicolau Pavão de Sousa com o objetivo de se deslocarem a Paris para adquirir habilitações como professores para surdos. Depois de um ano de estágio no Instituto Nacional de Surdos de Paris, regressaram ao Instituto Araújo Porto. Nessa altura criou-se um “Curso Normal” para formar professores de surdos (Carvalho, 2007).

Em 1880, o professor francês Ancient Fussillier, da Escola de Paris, fundou um instituto para surdos e deficientes mentais em Benfica com o método oralista (Carvalho, 2007).

Segundo Carvalho (2007), o segundo período teve início em 1906 e terminou em 1991, baseando-se nas metodologias oralistas (método natural⁸, método materno-reflexivo⁹ e método verbotonal¹⁰).

⁷ O método oralista consiste na articulação e leitura labial.

⁸ O método natural incentiva o treino da fala e auditivo naturalmente.

⁹ O método materno-reflexivo “destina-se a crianças surdas na fase pré-linguística e defende que estas podem aprender a falar uma língua materna pelo meio oral, (...). É reflexivo porque leva a criança a refletir sobre a língua de uma forma orientada pelo professor” (Carvalho, 2007, p.XII).

¹⁰ O método verbotonal “defende que a função essencial da língua é a expressão do significado através do som e do movimento. (...) O objectivo é obter uma boa articulação e memorização de unidades mais longas na frase” (Carvalho, 2007, p.XII).

Em 1905, aquando do encerramento dos Asilos Municipais, os surdos que aí se encontravam mudaram-se para a Casa Pia de Lisboa. Em 1906, Nicolau Pavão de Sousa foi convidado para trabalhar na Casa Pia de Lisboa, em virtude da solicitação do Provedor ao governo português para que organizasse o Instituto de Surdos (Carvalho, 2007).

Em 1913, o diretor da Casa Pia de Lisboa, Aurélio da Costa Ferreira, promoveu um “Curso Normal” para formar especialistas do ensino primário de surdos (Carvalho, 2007).

Até 1922 o Instituto de Surdos era anexo à Casa Pia de Lisboa, no Colégio de Pina Manique, e nesse mesmo ano o seu nome oficial passou a ser Instituto Jacob Rodrigues Pereira (IJRP) (Carvalho, 2007).

Em 1950, o Provedor Campos Tavares participou no Congresso Internacional de Groningen representando Portugal e conheceu métodos modernos de ensino de surdos. A participação neste congresso proporcionou ao Provedor o contacto com personalidades na área do ensino de surdos, com as quais teve acesso à informação sobre o método materno-reflexivo (Carvalho, 2007).

Após participar nos Congressos de Groningen (1950) e de Roma (1951), Campos Tavares adotou duas medidas no que toca ao ensino de surdos em Portugal: “A primeira medida foi a criação, em 1952, da Associação Portuguesa para o Progresso do Ensino de ‘surdos-mudos’” (p. X), com sede no IJRP. “A segunda medida surgiu no mesmo ano, quando o Provedor da CPL enviou o professor Antonino Gonçalves Amaral para se especializar no ensino de ‘surdos-mudos’, no Departamento de Educação da Universidade de Manchester, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura” (Carvalho, 2007, p. X).

Em 1963, assumiu a direção do Instituto Jacob Rodrigues Pereira o professor Carlos Pinto Ascensão e desenvolveu o método oralista (Carvalho, 2007).

O terceiro período começou em 1992, continuando na atualidade. Neste período foi implementado e desenvolvido o modelo de educação bilingue para surdos (Carvalho, 2007).

Em 1989, num estudo realizado por Maria Augusta Amaral e Amândio Coutinho, concluiu-se que através do método oral as crianças surdas não evoluem em todas as suas potencialidades, ficando aquém dos seus pares ouvintes. Assim, para colmatar esta diferença, foi proposto o método bilingue¹¹ que consiste no ensino de surdos com base na sua primeira língua, a Língua Gestual Portuguesa (Carvalho, 2007).

2.2. A legislação

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, em 1994, foi realizada em Salamanca, com o objetivo de fomentar a Educação para Todos e deu origem à Declaração de Salamanca. Esta declaração baseia-se no princípio da inclusão e no reconhecimento da necessidade de agir no sentido de criar “escolas para todos”, ou seja, “instituições que incluam todas as pessoas, aceitem as diferenças, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais” (p. iii).

A Declaração de Salamanca é um documento que pretende reafirmar o que havia sido declarado noutros documentos já existentes, tais como o direito à educação de todos, afirmado na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948 e a renovação da palavra de garantia atribuída pela comunidade mundial do direito à educação de todos, quaisquer que fossem as suas diferenças, na Conferência Mundial sobre Educação para Todos de 1990.

A UNESCO proclama e acredita que:

- Cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem;
- Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;

¹¹ O método bilingue “tem como princípio básico que a criança surda profunda deve fazer as suas aprendizagens escolares através da sua língua materna, a Língua Gestual Portuguesa, e adquirir como sua segunda língua, a língua da comunidade ouvinte circundante, neste caso a Língua Portuguesa, na sua vertente escrita e, eventualmente, oral” (Carvalho, 2007, p. XIV).

- Os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades;
- As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades;
- As escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo.

Por seu lado, o governo tem um papel importante na realização das medidas recomendadas pela UNESCO, das quais se destacam as seguintes: a) aperfeiçoar os sistemas educativos de forma a estes terem capacidade de incluir todas as crianças, quaisquer que sejam as suas diferenças ou dificuldades; b) aderir ao princípio da educação inclusiva em que todas as crianças podem frequentar as escolas regulares, salvo algumas exceções; c) estimular a participação dos pais de pessoas com deficiência no planeamento e tomada de decisões na área das necessidades educativas especiais; d) concentrar uma maior dedicação no sentido de criar e identificar estratégias de intervenção precoce; e) assegurar que a formação de professores, seja ela inicial ou em serviço, corresponda às necessidades educativas especiais nas escolas inclusivas.

Dentro do Enquadramento da Ação sobre Necessidades Educativas Especiais da Declaração de Salamanca (1994), o princípio orientador assenta em escolas que “se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras” (p. 6). Neste grupo incluem-se, entre outras, também as crianças com deficiência.

A denominação “necessidades educativas especiais”, mencionada diversas vezes ao longo da declaração, diz respeito a crianças e jovens que apresentam deficiências e dificuldades escolares. As escolas deverão incluir estas crianças e jovens em espaços onde aprendem a maior parte das crianças, de modo a assumirem a designação de escolas inclusivas.

A Declaração de Salamanca (1994) refere “a importância da linguagem gestual como o meio de comunicação entre os surdos, (...), deverá ser reconhecida, e garantir-se-á que os surdos tenham acesso à educação na linguagem gestual do seu país” (p. 18). Assim, em 1997, Portugal assumiu a Língua Gestual Portuguesa como língua oficial nos termos da alínea h) do n.º 2 do artigo 74.º da *Constituição da República Portuguesa*, “proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”.

No ano seguinte, foram criadas Unidades de Apoio à Educação de Alunos Surdos em estabelecimentos públicos de ensino básico e secundário, ao abrigo do Despacho Normativo n.º 7520/98 do *Diário da República*. As Unidades de Apoio à Educação de Alunos Surdos “constituem um recurso pedagógico das escolas que concentrem grupos de alunos surdos” e têm como objetivo “aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, adequadas a crianças e jovens com diferentes graus de surdez, com ou sem problemas associados, visando o seu desenvolvimento educativo e a sua integração social e escolar”.

Estas unidades devem ser constituídas por docentes com formação especializada em comunicação e linguagem e deficiência auditiva, se possível com formação em Língua Gestual Portuguesa. Também devem integrar formadores e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, bem como terapeutas da fala.

As escolas que possuem Unidades de Apoio à Educação de Alunos Surdos devem: a) garantir a língua gestual portuguesa como primeira língua; b) garantir medidas pedagógicas específicas para a apreensão da língua portuguesa, particularmente no que toca à escrita e à leitura; c) garantir terapia da fala e treino auditivo a crianças e jovens que necessitem; d) realizar modificações relevantes no

currículo escolar; e) preparar e apoiar a transição entre níveis de educação e de ensino; f) impulsionar e apoiar os alunos na sua situação profissional; g) promover ações de formação para a comunidade escolar, pais e familiares; h) colaborar com as associações de surdos ou pessoas surdas da comunidade para realização de ações recreativas e de lazer direcionadas a pessoas surdas e ouvintes, com o objetivo de proporcionar a interação social entre pessoas da comunidade surda e da comunidade ouvinte.

Em 2008, foi publicada, em *Diário da República* o Decreto-Lei n.º 3/2008, legislação acerca da educação bilingue de alunos surdos. Este decreto declara que:

A educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social. (p. 159)

De acordo com o decreto acima referido, as respostas educativas para as crianças surdas devem ser flexíveis e de natureza individual e dinâmica, de modo a que se faça uma avaliação sistemática do processo de ensino e da aprendizagem da criança surda, assim como o envolvimento e participação da família. A educação das crianças surdas, entre os 3 e os 6 anos de idade, deve passar pelo pré-escolar em grupos de crianças surdas para que se desenvolva a Língua Gestual Portuguesa como primeira língua.

Tanto no pré-escolar como no 1.º ciclo do ensino básico, a educação deve ser um trabalho realizado em parceria com docentes surdos e docentes ouvintes para que os alunos aprendam e desenvolvam a Língua Gestual Portuguesa, como primeira língua, e a língua portuguesa, como segunda língua.

Segundo a legislação, os agrupamentos de escolas e as escolas secundárias devem “programar e desenvolver ações de formação em LGP para a comunidade escolar e para os familiares dos alunos surdos” (p. 161).

2.3. Escolas de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS)

Em 2008, foi constituída uma rede de escolas de referência para a educação de alunos surdos que pretendia reunir num mesmo espaço meios humanos e materiais para que se pudesse proporcionar às crianças surdas uma resposta educativa de qualidade (Ministério da Educação e Ciência).

Segundo a mesma fonte, as escolas de referência para a educação de alunos surdos têm como finalidade

possibilitar a aquisição e desenvolvimento da Língua Gestual Portuguesa (LGP) como primeira língua dos alunos surdos e o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem nesta língua, bem como a aplicação de metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, adequadas a alunos surdos. (para. 2)

As escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos devem possuir diversos profissionais, sendo eles: docentes com formação especializada em Educação Especial, na área da surdez, competências em LGP (docentes surdos e ouvintes dos vários níveis de educação e ensino), com formação e experiência no ensino bilingue de alunos surdos; docentes surdos de LGP; intérpretes de LGP; terapeutas da fala (Ministério da Educação e Ciência).

Nas escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos, a existência de um considerável número de alunos com deficiência auditiva nos diversos anos de escolaridade e níveis de ensino possibilita a conceção de uma comunidade linguística. A construção desta comunidade fará com que não se criem “guetos linguísticos e culturais” (p. 16) e não levará a que os alunos se sintam isolados e sem os seus pares para comunicar (Almeida, Cabral, Filipe, & Morgado, 2009, p. 16).

3 – A inclusão de alunos surdos

3.1. A escola inclusiva

No século XIX começou por existir uma escola “universal, laica e obrigatória” que tinha como objetivo instruir toda a população fornecendo conhecimentos culturais de modo a que as diferenças socioculturais dos alunos se dissipassem (Rodrigues, 2001). O mesmo autor refere que esta escola pretendia “dar educação básica a todos e à qual todos deveriam ter acesso” (p. 16), Sim-Sim (1999) também refere a necessidade de “promoção da optimização de condições de aprendizagem para todos” (p. 11). No entanto, começaram a intensificar-se as desigualdades entre os alunos e a criar-se fissuras entre a população escolar, tornando-se assim numa escola segregadora de alunos que possuíam necessidades educativas especiais (Rodrigues, 2001).

A “escola tradicional” que procurava proporcionar a todos os alunos a mesma educação ao nível escolar, não permitia que alunos com necessidades educativas especiais fossem integrados, visto que “rompiam essa regra fundamental de homogeneidade” (Rodrigues, 2001, p. 16). Assim, foram instituídas escolas especiais que categorizavam as deficiências dos alunos e que assim desenvolviam um ensino homogéneo e adequado, tal como na escola tradicional, mas no âmbito da deficiência (Rodrigues, 2001).

Em 2006, Duarte defende que a escola deve assegurar-se de que a criança surda tem o direito à diferença, oferecendo-lhe um percurso escolar que respeite as suas características. Posto isto, a escola está perante um desafio que se baseia no sucesso das aprendizagens de alunos com necessidades especiais. Assim, impõe-se uma análise específica de cada caso para que se determinem as características de cada aluno e dessa forma disponibilizar uma educação adequada ao mesmo.

No que toca à educação inclusiva, a UNESCO apresenta quatro ideias-chave que devem ser tidas em conta:

- A inclusão é um processo;

- A inclusão diz respeito à participação de TODOS os alunos na aprendizagem, na vida escolar e na comunidade;
- A inclusão implica a identificação e a remoção de barreiras à participação e à aprendizagem (ao nível das atitudes, da comunicação, do espaço físico, do meio sócio-económico, entre outras);
- A inclusão baseia-se no princípio de que as escolas são responsáveis por garantir a educação de TODOS os alunos. (Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2011, p. 7)

Uma escola inclusiva que pretenda a instrução de crianças com necessidades educativas especiais em salas de aula regulares pressupõe que estes alunos encontrem nas mesmas “uma congruência entre as suas características, as suas necessidades, as expectativas e atitudes dos professores e os apoios adequados” (Correia, 2001, p. 125).

Segundo o mesmo autor, a escola ao assumir o seu carácter inclusivo torna-se mais heterogénea de características de cada aluno enriquecendo a escola e evoluindo no sentido de um desenvolvimento coerente da comunidade escolar em que o sucesso provém da união das características de cada um. A educação inclusiva tem como objetivo que todos os alunos, cada um na sua diversidade, possam aprender juntos e seja tido em conta o seu desenvolvimento tanto a nível académico, como sócio emocional e pessoal. Relativamente aos serviços educativos, estes devem ser prestados na sala de aula para que se estabeleça a igualdade de oportunidades, tendo em conta a especificidade do aluno, com vista ao sucesso escolar.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), a importância das escolas inclusivas não se reduz simplesmente à capacidade de ministrar educação de qualidade a todas as crianças, pretende também ser “um passo crucial na ajuda da modificação das atitudes discriminatórias e na criação de sociedades acolhedoras e inclusivas” (p. 6). Em muitos países já se verificou que a integração de crianças com necessidades educativas especiais alcança maior sucesso nas escolas inclusivas que recebem todas as crianças. Assim, é nestas escolas que as crianças com necessidades

educativas especiais adquirem melhores progressos educativos e melhor integração social (Declaração de Salamanca, 1994).

Concluindo, “a educação inclusiva procura, assim, promover uma cultura de escola e de sala de aula que adopte a diversidade como lema e que tenha como objectivo primeiro o desenvolvimento global dos alunos” (Correia, 2001, p. 125).

3.2. A inclusão do aluno surdo na escola regular

Ao proceder à inclusão do aluno surdo é necessário mudar mentalidades de modo a estabelecer o sucesso da mesma, como tal, Amaral e Coutinho (2002) referem que é essencial impedir que situações como as a seguir descritas se verifiquem:

- Manter as crianças surdas isoladas da sua comunidade;
- Confiar a sua educação a docentes sem preparação para o efeito;
- Sujeitar as crianças surdas a situações de pseudo-integração ou pseudo-inclusão;
- Não informar correctamente os pais sobre o encaminhamento mais adequado para estas crianças. (p. 378)

De acordo com Nielsen (1999), quando se pretende colocar um aluno com necessidades educativas especiais numa turma de ensino regular, deve-se, com a devida antecedência, ceder aos restantes alunos da turma alguma informação de índole geral sobre a problemática envolvida. Esta prática pretende desmistificar medos que possam existir ou modificar conceitos erróneos.

No que diz respeito à relação com o outro, verifica-se que esta é prejudicada, uma vez que uma criança com uma perda auditiva superior a 90dB possui um tipo de surdez profunda neuro-sensorial, e por isso, não tem acesso à linguagem oral através da audição, nem consegue ouvir-se a si mesmo. Assim, a comunicação com o outro que não seja surdo é afetada (Afonso, 2008).

Devido à complexidade na comunicação oral entre pais ouvintes e filhos surdos, há a possibilidade de originar problemas na sua relação, restringindo-a apenas a situações pontuais do dia-a-dia. Segundo Afonso (2008), esta situação poderá refletir-se ao nível social e escolar.

Cada aluno com deficiência é um ser singular. Torna-se por isso necessário perceber quais são as suas fragilidades, os seus pontos de vista e sentimentos ao nível escolar. É importante que o professor esteja atento a estes alunos e que perceba as relações que estes “estabelecem nos períodos de trabalho, nos períodos de lazer, nas atitudes que manifestam em relação aos colegas e às que os colegas evidenciam em relação a eles. É necessário observar, perguntar, analisar e escutar”¹² (p. 107).

Também Nielsen (1999) se refere ao papel do professor no processo de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais dizendo que este “lhes deve transmitir sentimentos positivos como deve também revelar-lhes afecto” (p. 23) pois estas atitudes serão facilmente replicadas pelos restantes elementos da turma. Deste modo, para que o processo educativo seja compensador para todos os alunos é importante que a sala de aula seja um local “positivo e confortável” (Nielsen, 1999, p. 23).

O professor tem também um papel importante no que toca à relação entre alunos com e sem necessidades educativas especiais. Segundo Nielsen (1999), a aprendizagem cooperativa poderá ser um meio utilizado pelo professor para conseguir uma relação positiva entre todos os alunos, pois estes trabalharão em pequenos grupos, sendo assim estimulada a interação.

Esta metodologia de aprendizagem também é referida na Declaração de Salamanca (1994) onde é definida como uma pedagogia inclusiva que estimula a entreajuda entre todos os alunos na sala de aula, por isso, as crianças devem sempre frequentar as salas de aula regulares. O trabalho cooperativo quando resulta em

¹² Assumo que não consegui reencontrar o autor, mas faço a citação dada a sua importância em minha opinião.

experiências positivas será para todos uma forma de crescimento ao nível social e emocional (Nielsen, 1999).

De modo a que a educação dos alunos surdos na classe regular seja eficaz é fundamental que os educadores implicados na sua educação estejam preparados para responder às dificuldades dos alunos. Assim, de forma a colmatar estas falhas e a dar a melhor assistência possível ao aluno surdo, deverá haver um trabalho próximo entre o professor da classe regular e o professor de Educação Especial (Nielsen, 1999).

Por conseguinte, os alunos com necessidades educativas especiais devem ter um apoio suplementar para que a sua educação nas escolas inclusivas seja mais produtiva (Declaração de Salamanca, 1994).

Estudo empírico

1. Metodologia

O presente estudo aborda a inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares. Neste sentido, foi realizado um trabalho de campo para dar resposta ao objetivo proposto: identificar os elementos que fazem com que os alunos surdos se sintam integrados numa sala de aula regular.

Este objetivo decorre da pergunta de partida referenciada já na introdução a este trabalho, e que agora se relembra: *O que leva alunos surdos a sentirem-se incluídos em turmas de ensino regular?*

Este estudo combina a investigação qualitativa com a quantitativa.

De acordo com Bogdan e Biklen (2010), a investigação qualitativa apresenta cinco características que a seguir se enunciam: o ambiente natural é a fonte direta de dados, sendo o investigador considerado o instrumento fundamental; os dados recolhidos são descritivos pois apresentam-se sob a forma de palavras e não de números; os investigadores dão mais importância ao processo do que unicamente aos resultados; a tendência do investigador é de analisar os seus dados de forma indutiva; na abordagem qualitativa o significado é de extrema importância. Contudo, nem todos os estudos qualitativos possuem as cinco características enunciadas (Bogdan & Biklen, 2010).

Da natureza qualitativa decorre que este tipo de investigação é descritiva pois visa “estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 231).

Assim, optámos pela aplicação de questionários e de entrevistas, pelo que a análise qualitativa ou quantitativa dos dados recolhidos resulta dos métodos de recolha aplicados.

1.1. Participantes

Os participantes deste estudo são 10 alunos do ensino básico (2.º ao 4.º ano de escolaridade), 3 professores titulares de turma e 3 professores de Educação Especial.

Todos os participantes pertencem a uma escola básica com jardim-de-infância que é uma escola de referência para o ensino bilingue de alunos surdos situada na região de Lisboa e Vale do Tejo.

No grupo dos alunos participantes, 5 são alunos surdos incluídos em salas de aula regulares e os outros 5 são alunos ouvintes que pertencem às mesmas turmas. Os alunos acima referidos pertencem a 3 turmas, sendo uma turma de cada ano de escolaridade (2.º, 3.º e 4.º ano de escolaridade).

As idades dos participantes situam-se entre os 7 e os 11 anos, sendo 4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

Os participantes inicialmente seriam um grupo de 20 alunos surdos mas foi repensado e tomou lugar o grupo acima referido, devido à inexistência de alunos.

Relativamente aos professores participantes, todos são docentes da escola onde se realizou o estudo. São 3 professores titulares de turma do ensino regular e 3 professores de Ensino Especial que acompanham os alunos surdos.

Para este estudo usámos um grupo de conveniência através do qual os “resultados obviamente não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 197).

1.2. Caracterização da instituição

A escola básica do primeiro ciclo com jardim-de-infância foi construída segundo um projeto arquitetónico de tipo P3 e começou a funcionar no ano letivo de 1981/1982. É um edifício de dois pisos constituído por dois núcleos vulgarmente denominados por ala oeste e ala este. Cada núcleo tem quatro salas separadas pela denominada “área suja”, num total de oito salas. Em cada piso há duas casas de

banho, uma destinada às meninas e outra destinada aos meninos. No rés-do-chão da ala este há uma casa de banho adaptada a crianças portadoras de deficiências físicas.

As áreas sujas foram parcialmente fechadas com divisórias de alumínio a fim de se conseguirem gabinetes destinados ao Apoio Educativo, ao Apoio de Educação Especial e à Terapia da Fala.

Os dois núcleos são ligados através do salão polivalente. Neste salão há duas casas de banho, um balneário adaptado a despensa/arquivo e o gabinete de coordenação.

O salão polivalente e o refeitório, inicialmente uma só área, encontram-se separados por uma divisória amovível formando um gabinete que funciona como sala de professores e onde se encontra a fotocopiadora.

Na cozinha são confeccionadas as refeições destinadas aos alunos desta escola e aos alunos de outra escola básica do concelho, que pertence a este agrupamento, mas que não tem as referidas instalações.

O refeitório serve também como espaço onde funciona um Componente de Apoio à Família (CAF). O CAF é dinamizado pela Associação de Pais e tem usufruto de duas despensas e de um gabinete que tem entrega pelo refeitório.

A área reservada à escola de referência para o ensino bilingue de alunos surdos é o rés-do-chão da ala este. Numa das salas funciona a sala de reabilitação dos 0 aos 7 anos e na outra, subdividida em duas, funcionam as turmas de 1.º/2.º ano e a de 3.º ano. No gabinete da área suja funciona a turma de 4.º ano. Neste gabinete, em anos anteriores, dava-se apoio às crianças da Intervenção Precoce (IP) (0 aos 3 anos), recebiam-se as famílias e faziam-se avaliações.

A escola tem um vasto espaço exterior que serve de recreio e cada núcleo tem um telheiro que funciona como recreio coberto.

O corpo docente é constituído por 14 professores do grupo 110 (10 titulares de turma do regular; 1 professora de Apoio Educativo e 3 professores das turmas da EREBAS: 1.º/2.º; 3.º e 4.º; 1 educadora de infância (grupo 100), 5 professores de

Educação Especial do grupo 920 (2 educadoras na sala dos 3 aos 7 anos e 3 de apoio aos alunos surdos, incluindo os integrados em turmas do regular); 1 professora de Educação Especial do grupo 910 (para dar resposta às crianças com dificuldades educativas especiais); 2 terapeutas da fala e 3 formadoras de Língua Gestual Portuguesa.

O corpo não docente é constituído por 4 assistentes operacionais. Existem também 3 funcionárias a horas, uma destas funcionárias apoia a sala dos 0 aos 7 anos da EREBAS.

O CAF, responsabilidade da Associação de Pais, é dinamizado por 1 coordenadora e 5 monitoras.

As Atividades de Enriquecimento Curricular, promovidas pela União das Associações de Pais (UAP), são lecionadas as seguintes áreas: Inglês, Música, Atividade Desportiva e Apoio ao Estudo, sendo esta última da responsabilidade dos professores titulares das turmas. Os professores que lecionam estas disciplinas são colocados pela União das Associações de Pais.

No que respeita ao funcionamento do refeitório, nele trabalham 1 cozinheira, 2 ajudantes de cozinha a tempo inteiro e 2 que apoiam no refeitório 2 horas diárias.

A escola tem cerca de 250 alunos distribuídos da seguinte forma: 31 do jardim-de-infância (11 da sala de surdos dos 0 aos 7 anos da EREBAS e 20 da pré-escola do regular); 206 são do 1.º ciclo (197 ouvintes e 9 surdos) distribuídos por 10 turmas do regular, 5 das quais integram os alunos surdos. As turmas de surdos do 1.º ciclo da EREBAS têm 10 alunos (2 da turma do 1.º/2.º ano; 6 da turma do 3.º ano e 4 da turma do 4.º ano).

As turmas do 1.º ciclo funcionam em regime duplo (as que têm surdos integrados são todas no duplo da manhã), a EREBAS só funciona no duplo da manhã e o jardim-de-infância do regular pratica o regime normal.

1.3. Caracterização da Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos

Este concelho tem já uma certa tradição no ensino/aprendizagem de alunos surdos.

Em 1990 foi criado um Núcleo de Apoio a Crianças Deficientes Auditivas (NACDA) que se encontrava ligado à Equipa de Educação Especial do concelho e que funcionava numa escola básica. Este NACDA começou a sua atividade com uma professora especializada do 1.º ciclo e com uma educadora de infância especializada. Mais tarde, a sua área de intervenção foi também alargada aos 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário. Nos anos letivos de 1995/96 e 1996/97 este núcleo passou a contar também com a colaboração do apoio técnico de uma terapeuta da fala e de uma formadora de Língua Gestual Portuguesa.

A população escolar abrangida, para além dos alunos surdos deste concelho, contava também com alunos dos concelhos adjacentes. No ano letivo de 1996/97 a população de alunos surdos atendidos pela Equipa de Educação Especial deste concelho era de 24 crianças e jovens.

Com a passagem para os Apoios Educativos (ano letivo de 1997/98), a Equipa de Coordenação dos Apoios Educativos (ECAE) deste concelho verificou a inexistência do NACDA, estando os alunos surdos e com problemáticas nesta área (deficiência auditiva) integrados nas escolas das suas áreas de residência e sendo apoiados por professoras/educadoras de apoio educativo especializadas, em regime de itinerância, perfazendo um total de 32 alunos.

Tendo em conta a especificidade da intervenção com esta população, a ECAE começou a desenvolver atividades, no sentido da criação de respostas mais ajustadas às necessidades desta população.

Assim, no ano letivo de 1998/99 organizou-se o primeiro projeto de atendimento a alunos surdos do concelho, que foi reformulado no final desse ano letivo, dando origem ao atual modelo de atendimento e à Unidade de Atendimento a Alunos Surdos (UAAS).

Nos anos letivos de 1999/2000 e 2000/2001, com a criação da UAAS, foram-se alargando as respostas educativas a crianças e jovens de outros concelhos limítrofes.

No ano letivo de 2006/07, a UAAS (polo da EB1/JI), atendeu um total de 30 alunos provenientes de diversos concelhos da região.

No ano letivo de 2007/08, a UAAS (polo da EB1/JI), atendeu um total de 33 alunos provenientes dos mesmos concelhos.

No ano letivo 2008/09, a Escola de Referência de Ensino Bilingue a Alunos Surdos – EREBAS - (polo da EB1/JI atendeu um total de 21 alunos dos quais 17 estão em turmas de surdos e 4 integrados em turmas do regular, provenientes desses concelhos.

No ano letivo 2009/10, a EREBAS (polo da EB1/JI) atende um total de 33 alunos, dos quais 22 estão em turmas de surdos, 9 integrados em turmas do regular e 2 são da intervenção precoce, provenientes dos mesmos concelhos.

No ano letivo 2010/11, a EREBAS (polo da EB1/JI) atende um total 35 alunos, dos quais 25 estão em turmas de surdos (9 na sala dos 0 aos 7 anos; 16 nas turmas do 1.º ciclo), 2 estão na Intervenção Precoce e 8 estão integrados em turmas do regular.

As 2 crianças da Intervenção Precoce têm apoio ambulatorio na EREBAS, duas vezes por semana.

Os alunos que frequentam a EREBAS são oriundos de todo o distrito.

No ano letivo 2011/12, a EREBAS (polo da EB1/JI) atende um total de 30 alunos, dos quais 20 estão em turmas de surdos e 10 estão integrados em turmas do regular. Atendeu também 2 alunos da Intervenção Precoce, provenientes dos concelhos envolventes.

Este ano letivo 2012/13, a EREBAS (polo da EB1/JI) atende um total de 32 alunos, dos quais 23 estão em turmas de surdos e 9 estão integrados em turmas do regular, provenientes dos mesmos concelhos.

1.4. Instrumentos

No presente estudo, realizámos a recolha de dados utilizando a combinação de dois instrumentos: o questionário e a entrevista. Utilizámos os dois instrumentos pois complementam-se na recolha de informação e enriquecem o estudo em causa. Esta combinação de métodos é apoiada por Reichardt e Cook (1986, cit. por Carmo & Ferreira, 2008) afirmando que o investigador “não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos ou qualitativos e no caso da investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos dois tipos de métodos” (p. 194).

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), o questionário consiste em aplicar a um grupo de participantes “uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas (...)” (p. 188).

O questionário tem como objetivo conhecer uma determinada população no que toca aos seus comportamentos, valores e opiniões, assim como, analisar um facto social sobre o qual se pressupõe conseguir obter mais informações sobre os indivíduos da referida população (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Neste estudo, o questionário foi de “administração indirecta”, visto que o preenchimento foi realizado pela investigadora através das respostas facultadas pelos inquiridos.

De acordo com Bell (2008), de modo a consolidar as informações adquiridas nos questionários podem ser realizadas entrevistas e, conseqüentemente obter outras informações que serão valiosas para o estudo.

A entrevista, segundo Moser e Kalton (1971, cit. por Bell, 2008) é definida como “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado” (pp. 137-138). Este método de recolha de dados tem como objetivo “abrir a *área livre* dos dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo, por consequência, a *área secreta* do entrevistado e a *área cega* do entrevistador” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 142).

Este instrumento, por ser aplicado presencialmente, permite ao entrevistador observar a forma como o entrevistado responde às questões colocadas já que o seu tom de voz, a expressão facial, e outros sinais mostram emoções que numa resposta escrita nunca seria possível obter (Bell, 2008).

A entrevista semidiretiva foi utilizada neste estudo por não ser uma entrevista completamente aberta e, por esse motivo, deixar os entrevistados falarem sobre o que desejarem e acharem mais oportuno. Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), nesta entrevista “o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado” (p. 192).

Os questionários foram elaborados pela investigadora e construídos com o apoio de dois profissionais da área da surdez, sendo um deles surdo. Foram, ainda, pré-testados por dois profissionais. Como consequência, produziram-se três questionários: um para os alunos surdos (ver anexo 2) e outro para os alunos ouvintes (ver anexo 4) que contêm questões de resposta fechada e questões de resposta aberta; um questionário para os professores titulares de turma (ver anexo 6) somente com questões de resposta aberta.

Relativamente aos questionários dos professores titulares de turma, esperávamos obter três questionários respondidos, porém, apenas dois professores responderam ao mesmo.

Para as entrevistas elaborámos guiões de acordo com o público a ser entrevistado: para os professores titulares de turma (ver anexo 8) e para os professores de Educação Especial (ver anexo 8). Uma única questão diferencia os dois guiões.

Realizámos o registo das entrevistas recorrendo ao uso de um gravador, facto que não influenciou a concretização das mesmas.

Aquando da aplicação dos questionários e das entrevistas garantimos a confidencialidade e o anonimato de respondentes e entrevistados, servindo os dados apenas para tratamento.

No caso dos alunos, solicitámos as devidas autorizações aos encarregados de educação (ver anexo 1).

1.5. Procedimentos

O primeiro procedimento que realizámos nesta investigação foi o estabelecimento de contacto com uma escola básica que funciona como escola de referência para o ensino bilingue de alunos surdos na região de Lisboa e Vale do Tejo. Este contacto foi difícil de concretizar e, quando o concretizámos, não conseguimos abertura para a realização do estudo.

Em seguida procurámos outras escolas que respondessem aos requisitos. Enquanto isso, construímos o questionário para os alunos surdos, para os alunos ouvintes e para os professores titulares de turma, que seriam aplicados mais tarde. Concluída esta fase, estabelecemos o contacto com outra escola da mesma região. Começámos por contactar o diretor do Agrupamento de Escolas e, após algumas contrariedades, marcámos uma reunião.

Nessa reunião o diretor tomou conhecimento do projeto e do estudo que pretendíamos realizar, autorizou de imediato e deu conhecimento às professoras de Educação Especial que lecionam na escola básica onde foi realizado o estudo. No seguimento da autorização, o diretor do agrupamento deu indicações a uma professora de Educação Especial para que acompanhasse todo o processo.

Mediante essa decisão, entregámos as autorizações para os encarregados de educação às professoras de Educação Especial que depois as distribuíram aos alunos que fizeram parte dos participantes deste estudo.

A aplicação dos questionários foi realizada em duas fases.

Assim, após estarem reunidas as primeiras autorizações, devidamente preenchidas pelos encarregados de educação, a dar consentimento para a aplicação do questionário, dirigimo-nos à escola. Nesse dia aplicámos os primeiros questionários. Os questionários das crianças surdas foram aplicados com a ajuda da professora de

Educação Especial e os questionários das crianças ouvintes foram aplicados pela investigadora. Uns dias mais tarde, após a receção das restantes autorizações, aplicámos os últimos questionários da mesma forma que na fase anterior.

Os questionários dos alunos ouvintes foram aplicados com o propósito de comparar as suas respostas com as dos alunos surdos.

No primeiro dia de recolha de dados distribuámos também os questionários aos professores.

Posteriormente, tratámos os dados dos questionários sob a forma de gráficos com as respetivas percentagens e realizámos a análise textual dos questionários (ver anexos 3 e 5).

Seguidamente, construímos um guião de entrevista para os professores. Esta entrevista teve como objetivo obter a opinião dos professores acerca das respostas dadas aos questionários aplicados aos alunos.

Concluída a construção do guião de entrevista, procedemos ao contacto com os professores a fim de marcar uma data e hora para a realização das entrevistas.

Após a realização das entrevistas aos professores efetuámos a transcrição do respetivo protocolo (ver anexo 9). A duração média das entrevistas foi de 3 a 6 minutos.

Seguimos para a análise de conteúdo das respostas dadas nos questionários aplicados aos professores (ver anexo 7) e nas entrevistas aos mesmos (ver anexo 10), que se baseou em Bardin (2004). Segundo a autora, a análise de conteúdo define-se como “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (...) extremamente diversificados” (p. 7).

Começámos por fazer uma pré-análise em que foi necessário fazer uma *leitura flutuante*, que consistiu em termos contacto com os documentos adquiridos de forma a absorver as informações mais relevantes para a organização da informação (Bardin, 2004). Esta leitura teve como objetivo ir ao encontro da informação que melhor

respondesse à questão levantada, uma vez que os documentos obtidos devem obedecer à *regra da pertinência*, ou seja, conter informações para responder ao objetivo que deu origem ao estudo em causa. Tivemos também em atenção a fase de *formulação das hipóteses e dos objetivos*. No entanto, neste estudo não foram formuladas hipóteses, apenas formulámos o objetivo. Esta posição é apoiada por Bardin (2004): “não é obrigatório ter-se como guia um corpus de hipóteses, para se proceder à análise. Algumas análises efectuam-se ‘às cegas’ e sem ideias pré-concebidas” (p. 92).

Seguimos para a fase de *codificação* que, de acordo com Holsti (cit. por Bardin, 2004), é “o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo” (p. 97). Para fazer a codificação da informação tivemos em conta a unidade de registo e a unidade de contexto. A *unidade de registo* constitui-se como “a unidade de significação a codificar” (Bardin, 2004, p. 98), ou seja, é o segmento de informação relevante selecionado com vista à categorização e à contagem frequencial.

Por último, a *categorização* onde agrupámos os elementos pertencentes a um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento de acordo com critérios anteriormente determinados.

Nos questionários e nas entrevistas aos professores procedemos à codificação dos mesmos, sendo os respondentes designados da seguinte forma: questionários aos professores titulares de turma por P1 e P2, entrevistas aos professores titulares de turma por PTT1, PTT2 e PTT3 e entrevistas aos professores de Ensino Especial por PEE1, PEE2 e PEE3.

2. Análise e discussão dos resultados

2.1. Análise dos questionários dos alunos surdos

O grupo de alunos surdos participantes é constituído por 4 meninas e 1 menino, 2 com 8 anos, 1 com 9 anos e 2 com 11 anos. Relativamente ao ano de escolaridade, 2 alunos frequentam o 2.º ano, 1 frequenta o 3.º ano e 2 frequentam o 4.º ano.

O questionário dos alunos surdos está dividido em três partes: eu e a escola, eu e o outro e eu e o professor.

Às perguntas formuladas no questionário, os alunos participantes responderam do seguinte modo:

Primeira parte - Eu e a escola

1. **Gostas de ir à escola?** - 80% dos alunos responderam sim e 20% responderam não. Ao que gostam mais de fazer na escola responderam *matemática, escrever, brincar no intervalo, dançar, jogar à bola e história de Portugal*. Ao que gostam menos de fazer na escola responderam *língua portuguesa, ter aulas, inglês e ginástica*.

2. **Sentes-te bem na tua turma?** - 80% dos alunos responderam sim porque *são meus amigos, gosto dos meninos e das meninas e brinco com as minhas amigas todos os dias*. 20% dos alunos responderam não porque *porque me dão comportamento vermelho*.

3. **Consegues acompanhar a aula?** - Todos os alunos responderam sim, pois *o/a professor/a fala alto, o/a professor/a escreve no quadro e o/a professor/a fala para mim*.

4. **Consegues perceber a matéria da aula?** - 60% dos alunos responderam sim porque *o professor está ao pé de mim, trabalho bem para ir para o 5.º ano e leio pelo livro e quando não percebo peço ajuda ao/a professor/a*. 40% dos alunos responderam não porque *é mais difícil e às vezes não percebo bem*.

Segunda parte – Eu e o outro

5. **Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula?** - 80% dos alunos responderam sim e 20% responderam não. Dos alunos que responderam sim, 50% dizem ser ajudados pelos colegas surdos e os outros 50% pelos colegas ouvintes. Dos 20% que responderam não, justificaram que *o/a professor/a não deixa*.

6. **Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas?** - Todos os alunos responderam sim. Quando questionados se gostam de trabalhar com eles, 80% dos alunos responderam sim e 20% responderam não. 60% dos alunos dizem trabalhar mais com os colegas ouvintes e os restantes 40% com os colegas surdos.

7. **Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio?** - 60% dos alunos responderam sim, porque *gosto* e porque *a turma quer brincar comigo e eu digo OK*. 40% responderam não porque *gosto mais de brincar com surdos* e porque *os ouvintes não querem*.

8. **Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa?** - 60% dos alunos responderam sim e 40% responderam não. Na pergunta seguinte todos os alunos responderam que gostavam que os colegas soubessem Língua Gestual Portuguesa.

9. **Sentes-te gozado pelos teus colegas?** - Todos os alunos responderam não.

Terceira parte – Eu e o professor

10. **Gostas do teu/tua professor/a?** - 60% dos alunos responderam sim porque *ele/a é fixe e é bom/a e diz bem as coisas*. 40% responderam não porque *fala alto e está sempre a gritar*.

11. **Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa?** - Todos os alunos responderam sim apesar de apenas as professoras de Educação Especial saberem Língua Gestual Portuguesa. No entanto, há um/a professor/a que, como o aluno refere, *está sempre a perguntar como se diz em língua gestual*.

12. **Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa?** - Todos os alunos responderam não e, por isso, todos responderam que gostavam que isso acontecesse.

13. **Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?** - Obtivemos várias respostas tais como: *nada, fico triste, fico triste porque gosto mais da língua gestual, sinto-me bem e não sinto nada porque percebo língua portuguesa.*

14. **Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens?** - 80% dos alunos responderam sim e 20% responderam não.

2.2. Análise dos questionários dos alunos ouvintes

O grupo de alunos ouvintes participantes é formado por 2 meninas e 3 meninos. Quanto à distribuição etária, tem-se 2 com 7 anos, 2 com 8 anos e 1 com 9 anos. Destes alunos, 2 frequentam o 2.º ano, outros 2 frequentam o 3.º ano e 1 frequenta o 4.º ano.

O questionário dos alunos ouvintes está dividido em duas partes: eu e a escola e eu e o outro.

Às perguntas formuladas no questionário, os alunos ouvintes participantes responderam do seguinte modo:

Primeira parte - Eu e a escola

1. **Algum adulto falou contigo sobre a surdez?** - Todos os alunos responderam não.

2. **Gostas de ir à escola?** - Todos os alunos responderam sim. Ao que gostam mais de fazer na escola responderam *aprender, brincar, trabalhar e intervalo.* Ao que gostam menos de fazer na escola responderam *ficar de castigo, acordar cedo e que os meninos não sejam meus amigos.*

3. **Sentes-te bem na tua turma?** - Todos os alunos responderam sim porque *brinco com os colegas, gosto do/a professor/a, ninguém me chateia, gosto dos meus colegas e sou amigo dos meus colegas.*

4. **Consegues acompanhar a aula?** - Todos os alunos responderam sim, pois *o/a professor/a explica bem, faço as coisas rápido e bem, o/a professor/a explica muito*

bem e não fala muito rápido, não sei e não sei explicar mas acabo os trabalhos mais rápido.

5. Consegues perceber a matéria da aula? - Todos os alunos responderam sim porque *gosto da matéria, o/a professor/a fala um bocadinho alto e eu percebo, o/a professor/a não fala muito baixo, o/a professor/a explica bem e o/a professor/a explica muito bem e eu presto atenção nas aulas.*

Segunda parte – Eu e o outro

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? - 60% dos alunos responderam sim e 40% responderam não. Dos alunos que responderam sim, todos dizem ser ajudados pelos colegas ouvintes. Dos 20% que responderam não, justificaram que *o/a professor/a diz para ficarmos todos calados e não sei.*

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? - Todos os alunos responderam sim. Quando questionados se gostam de trabalhar com eles, todos os alunos responderam sim. Todos os alunos dizem trabalhar mais com os colegas ouvintes.

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? - 60% dos alunos responderam sim, porque *gosto e a turma quer brincar comigo e eu digo OK.* 40% responderam não porque *só há meninas e nós jogamos à bola e elas não querem e porque só brinco com um colega surdo que é da pré-escola.*

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? - Todos os alunos responderam sim.

10. Gozas com os teus colegas surdos? - 20% dos alunos responderam sim e 80% responderam não.

2.3. Análise dos questionários e das entrevistas aos professores

Como resultado da aplicação dos questionários aos professores titulares de turma, realizámos a análise dos mesmos, sendo possível obter alguns elementos relevantes.

No que toca à **inclusão de alunos surdos em turmas de ensino regular**, os professores consideram que, tanto para os alunos surdos como para os alunos ouvintes, este é *um meio importante para ambos aprenderem (P1); uma troca de saberes (P1)*. Desta forma, os alunos aprendem a *serem mais tolerantes em relação à diferença (P1)*, pois *É o contacto com a diferença que vai permitir ver e aceitar o outro de uma forma mais inclusiva (P1)*. Por outro lado, referem que a inclusão é *uma boa estratégia se for acompanhada com docentes ou formadores com formação específica em surdez (P2)*.

Relativamente à **promoção de relações interpessoais entre alunos surdos e alunos ouvintes**, um professor refere, *Promovo as relações interpessoais entre as crianças surdas, ouvintes e quaisquer outras, pois considera que Ser tolerante e aceitar a diferença é uma competência que considero que os meus alunos devam ter (P1)*. Deste modo, *A promoção é feita transversalmente, no entanto a formação cívica é a disciplina por excelência para promover essas relações interpessoais (P1)*. As relações interpessoais entre os alunos são fundamentais, *visto que estão em permanente contacto e desenvolvem-se mutuamente (P2)*.

A **gestão da aula para ensinar alunos surdos e alunos ouvintes** é *feita através da organização metódica dos tempos e dos espaços da aula (P1)*. Para os professores, o ensino em salas de aula inclusivas é realizado com base em *métodos de aprendizagem mais centrados nos alunos e nas suas competências, como a aprendizagem cooperativa (P1)*. Neste ensino é essencial *não salientar essa diferença, usando estratégias parecidas, para que não haja exclusão (P2)* e, também é essencial o *acompanhamento intensivo, de técnicos específicos (P2)*.

Em resposta aos dados obtidos nos questionários aplicados aos alunos surdos, obtivemos algumas **considerações por parte dos professores titulares de turma e dos professores de Educação Especial** através da realização de uma entrevista.

Deste modo, constatámos que estes resultados eram esperados: *estão de acordo com a perspetiva e com a forma como eu vejo a integração dos surdos porque é aquilo que eu sinto na minha sala (PTT2)*, referem também que *conseguimos perceber*

que os alunos realmente gostam de vir à escola e que se sentem bem neste tipo de escola (...). Gostam daquilo que fazem, gostam dos professores, gostam das atividades que lhes são propostas, gostam dos colegas (PTT3). Mencionam também que esperavam esta reação no que diz respeito ao não domínio da Língua Gestual Portuguesa por parte dos professores titulares de turma: estava à espera que eles manifestassem a vontade de os professores falarem língua gestual com eles (PEE2), contudo outro professor diz que ainda não conseguimos neste momento que os professores respondam às nossas necessidades, que é mostrarem mais interesse pela língua gestual para que na lecionação dos conteúdos usem também a língua gestual e permitam às crianças surdas uma melhor integração e uma melhor aquisição dos conhecimentos (PEE3). Ainda assim, a escola oferece uma resposta exatamente adequada aquilo que são as nossas problemáticas e as dificuldades essenciais que os surdos sentem (PEE3).

No que concerne à **expetativa relativamente aos resultados obtidos**, referem que são sempre uma incógnita porque nós muitas vezes não sabemos qual é a opinião dos alunos mas penso que aquilo que está aqui é aquilo que eu sinto cá na escola, que acontece (PTT2) e, também espelha aquilo que eles fazem nas salas e o trabalho que têm comigo e com o professor (PEE1). A Língua Gestual Portuguesa foi algumas vezes mencionada nas respostas dos professores, no que diz respeito ao seu domínio – *alguns falam algumas coisas. Claro que manter uma conversação em língua gestual se calhar não. O professor do regular não domina a língua gestual, portanto não conseguirá manter essa conversação (PTT1); não pensei que eles ficassem tão tristes, não manifestassem esta tristeza quando não falam língua gestual com eles exatamente porque estes sobre os quais o trabalho é feito, falam, compreendem a língua e usam as duas línguas sempre que podem e que querem (PEE2).*

Relativamente às situações que pode originar - *embora nem todos os professores tenham facilidade na língua gestual, por vezes cria algumas situações mais complicadas (PTT3) – e aos colegas ouvintes – Os colegas sim têm alguma abertura relativamente à língua gestual portuguesa embora ainda não tenhamos conseguido em termos de estabelecimento de ensino que haja abertura para que possamos dar*

aulas aos alunos ouvintes de modo que a língua gestual seja mais conhecida por eles (PEE3). Arrematando que *ainda temos alguma barreira relativamente às aprendizagens da língua gestual.* (PEE3)

Em relação à **inclusão dos alunos surdos**, os professores revelaram que esta é importante – *acho muito importante. Considero que é de extrema importância porque lhes permite ter contacto com a linguagem. Eles ouvem e é importante ouvirem porque assim aprendem a falar* (PTT1) – e positiva – *a inclusão é positiva mas também depende dos alunos, portanto, eu já tive os dois casos, aqueles alunos que conseguem ter uma boa capacidade de ouvido, o resultado torna-se positivo, quando a capacidade é muito reduzida, é complicado. (...) porque a maior parte deles o problema não é só a surdez, por vezes têm também problemas de compreensão* (PTT3). Porém, foi referido que a inclusão depende do professor pois *Os professores mudam constantemente, (...) e se fazemos algum trabalho com alguns que têm alunos integrados, depois de repente chega-nos um professor que não tem o mínimo de competência e de conhecimento relativamente à problemática. A inclusão vai resultar conforme o professor tem mais disponibilidade ou mais perfil para receber alunos com problemáticas ou não* (PEE3).

Todos os professores afirmaram que **os seus alunos estão incluídos na turma**, como se pode constatar pelas respostas dadas: *Sim, eu penso que sim que eles estão incluídos* (PTT1); *Sim, sim, estão completamente incluídos, aliás, foi uma coisa que eu notei desde o primeiro dia que estou aqui. (...) que estavam completamente inseridos no grupo e era como se fossem completamente iguais aos outros* (PTT2); *Sim, na minha turma os alunos surdos estão incluídos. As duas meninas que tenho estão incluídas, portanto, uma acompanha, a outra não mas incluídas, estão* (PTT3). Manifestando esta opinião, os professores revelam que *eles às vezes mostram que lhes apetecia estar com os surdos, acho que eles às vezes se identificam muito com os outros surdos da escola, (...) Às vezes dizem que gostavam de estar na sala com eles porque é uma questão de nós nos identificarmos com o grupo ao qual pertencemos* (PTT1) e *Apesar de eles manifestarem sempre um ponto de vista afetivo, manifestam a vontade de estar com os alunos que têm como língua comum, a língua gestual. Portanto, eles aproximam-se sempre sempre mais dos colegas surdos do que dos colegas ouvintes*

porque falam a mesma língua e a comunidade linguística é uma coisa importante (PEE2). A inclusão dos alunos surdos depende também das suas capacidades cognitivas: Alguns conseguem uma inclusão realmente a cem por cento, outros se não têm tantas capacidades cognitivas continuam a ter dificuldades na inclusão (PEE3).

No tocante a uma melhor **promoção da inclusão dos alunos surdos**, as propostas são diversas: *Talvez formação de professores. Os professores terem sensibilidade para estas coisas, porque quanto mais sensibilidade os professores tiverem, melhor (PTT1); os alunos ouvintes também, quanto mais lidarem com a diferença mais recetivos estarão e mais “normal” acharão. Se nunca lidarem com a diferença, não vão achar nunca “normal” (PTT1); que houvesse um acompanhamento ainda mais próximo e mais constante para que eles se sentissem completamente iguais aos outros (...) isto é, dois professores, o professor titular de turma e o professor que acompanhasse, secalhar seria ainda melhor (PTT2); terem mais ajuda de uma professora de apoio que pudesse ajudá-los mais naquelas matérias que por vezes nos é mais difícil de explicar porque eles a nível de bases de linguagem têm muito pouco, os conteúdos não percebem muito bem e nós temos que explicar tudo ali muito bem explicado. (...) Seria muito mais produtivo, seria um aspeto bastante positivo para alguns (PTT3); Desenvolvimento da língua oral (PEE1); Menor número de alunos nas turmas, isso deve ser respeitado e o ter à mão e à disposição tecnologias diferenciadas para projeção de imagens (PEE2); abertura dos professores relativamente à inclusão e relativamente à deficiência. (PEE3).*

Quanto às **estratégias sugeridas para uma melhor inclusão**, é sugerida a *estratégia que se usa aqui na escola que é a integração de surdos em classes de ouvintes sempre que possível (...) acho que essa é a melhor forma de inclusão (PTT1). Apostar mais na Formação de professores (PTT1) e Colocar mais professores de apoio para podermos ter mais número de horas (PTT3). Na sala de aula, incutiram colocar os alunos surdos ao pé de alguns assim melhorzinhos para que os ajudem. (PTT2) e utilizar materiais mais concretos. Até a nível da matemática termos materiais mais concretos para podermos trabalhar com eles (PTT3). Pretende-se que o professor do regular seja sensível à (...) problemática dos alunos surdos porque se o professor não estiver*

sensibilizado os meninos nunca fazem a inclusão (PEE1), e também que os professores aprendam língua gestual mesmo que seja rudimentar porque isso aproxima-os dos alunos (...), visto que a partilha das duas línguas acho que é fundamental (PEE2) e que os professores também promovam por parte dos alunos ouvintes uma melhor aceitação destes alunos (PEE3). Por fim, recomendam um trabalho mais específico com os professores de Educação Especial para fazer o reforço ou antecipação da matéria dada pelo professor na sala de aula.

2.4. Discussão dos resultados

Inclusão de alunos surdos em turmas de ensino regular

As considerações feitas pelos professores vão de encontro ao que foi expresso na Declaração de Salamanca (1994) onde se refere que as escolas inclusivas pretendem ser “um passo crucial na ajuda da modificação das atitudes discriminatórias e na criação de sociedades acolhedoras e inclusivas” (p. 6).

Promoção de relações interpessoais entre alunos surdos e alunos ouvintes

A promoção das relações interpessoais entre alunos surdos e alunos ouvintes é defendida por Correia (2001) ao referir que a educação inclusiva tem como objetivo que todos os alunos, cada um na sua diversidade, possam aprender juntos e seja tido em conta o seu desenvolvimento tanto a nível académico, como sócio emocional e pessoal.

Gestão da aula para ensinar alunos surdos e alunos ouvintes

O método utilizado na sala de aula, a aprendizagem cooperativa, é apontado por Nielsen (1999) como um meio utilizado pelo professor para conseguir uma relação positiva entre todos os alunos, pois estes trabalharão em pequenos grupos, sendo assim estimulada a interação. Também a Declaração de Salamanca (1994) refere este tipo de aprendizagem afirmando que esta é definida como uma pedagogia inclusiva

que estimula a entreatuda entre todos os alunos na sala de aula, por isso, as crianças devem sempre frequentar as salas de aula regulares. O trabalho cooperativo quando resulta em experiências positivas será para todos uma forma de crescimento ao nível social e emocional (Nielsen, 1999).

Os seus alunos estão incluídos na turma

Apesar de se encontrarem incluídos na turma, alguns alunos surdos tendem a aproximar-se dos outros surdos, circunstância que advém da comunidade linguística. Este facto é corroborado por Almeida, Cabral, Filipe, e Morgado (2009) ao mencionar que nas escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos, a existência de um considerável número de alunos com deficiência auditiva nos diversos anos de escolaridade e níveis de ensino possibilita a conceção de uma comunidade linguística. A construção desta comunidade fará com que não se criem “guetos linguísticos e culturais” (p. 16) e não levará a que os alunos se sintam isolados e sem os seus pares para comunicar.

Promoção da inclusão dos alunos surdos

Algumas das propostas sugeridas pelos professores são reforçadas por autores já referidos. A formação de professores que foi uma medida recomendada pela UNESCO e expressa na Declaração de Salamanca (1994): assegurar que a formação de professores, seja ela inicial ou em serviço, corresponda às necessidades educativas especiais nas escolas inclusivas. No sentido de proporcionar um melhor apoio, haver um trabalho próximo entre o professor da classe regular e o professor de Educação Especial (Nielsen, 1999), pois os alunos devem ter um apoio suplementar para que a sua educação nas escolas inclusivas seja mais produtiva (Declaração de Salamanca, 1994).

Estratégias sugeridas para uma melhor inclusão

Algumas das estratégias referidas foram já mencionadas na questão anterior e por isso suportadas na mesma. Contudo, no que toca ao papel do professor no processo de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais, Nielsen (1999) refere que este “lhes deve transmitir sentimentos positivos como deve também revelar-lhes afecto” (p. 23) pois estas atitudes serão facilmente replicadas pelos restantes elementos da turma.

Conclusões e recomendações

O estudo apresentado visou identificar os elementos que fazem com que os alunos surdos se sintam incluídos numa sala de aula regular. Para tal, seleccionámos uma escola básica que funciona como escola de referência para o ensino bilingue de alunos surdos situada na região de Lisboa e Vale do Tejo.

Nesta escola procedemos à recolha de dados e opiniões a partir dos alunos surdos, dos alunos ouvintes, dos professores titulares de turma e dos professores de Educação Especial. Os métodos de recolha de dados aplicados a cada grupo de participantes pretenderam verificar qual o respetivo ponto de vista relativamente ao assunto em estudo.

Ao definir a questão de partida assumimos, desde o início, que os alunos surdos que frequentam esta escola de referência estão incluídos. Este pressuposto foi desencadeado por partirmos do princípio que se trata de uma escola que tem um conceito inclusivo, pelo que a inclusão seria um dado adquirido.

Relativamente à pergunta de partida – “O que leva alunos surdos a sentirem-se incluídos em turmas de ensino regular?” –, verificámos que os alunos se sentem incluídos em consequência do apoio que obtêm por parte dos colegas, dos professores titulares de turma e dos professores de Educação Especial.

No que se refere ao objetivo, foi possível identificar elementos que conferem a condição inclusiva dos alunos surdos. Deste modo, através da análise dos questionários aplicados aos alunos surdos, verificámos que estes gostam de ir à escola; sentem-se bem na turma; conseguem acompanhar a aula; conseguem perceber a matéria dada na aula; os colegas ajudam-nos com os trabalhos na sala de aula; trabalham em grupo; brincam com os colegas ouvintes no recreio; os colegas ouvintes têm algumas noções de Língua Gestual Portuguesa; não se sentem gozados pelos colegas ouvintes; gostam do professor da turma; têm apoio fora da sala de aula para ajudar nas aprendizagens.

Constatámos, assim, que as práticas utilizadas pelos professores, para ajudar os alunos surdos, levam a que estes consigam acompanhar e compreender a matéria da aula. Outros resultados são igualmente de assinalar, como a seguir referimos.

A realização de trabalhos na sala de aula permite que haja uma interação entre pares surdos e ouvintes pois ajudam-se mutuamente, e, da mesma forma, existe um intercâmbio de aprendizagens através da aprendizagem cooperativa. Na sala de aula também realizam trabalhos de grupo, o que agrada aos alunos.

Nas brincadeiras no recreio, a maioria dos alunos surdos brinca com os ouvintes, porém, percebe-se que, por vezes, há um distanciamento entre os alunos.

Relativamente à Língua Gestual Portuguesa, esta é muito limitada nos alunos ouvintes, sendo que estes têm conhecimento apenas de alguns vocábulos. No entanto, isto demonstra que efetivamente já existe iniciativa e interesse por parte dos alunos ouvintes no sentido de aprenderem um pouco desta língua. Os alunos surdos referiram que gostavam que os colegas dominassem a Língua Gestual Portuguesa, visto que é a sua língua.

Um ponto fulcral que destacamos neste estudo é o facto de os alunos surdos não se sentirem gozados pelos colegas. No questionário aplicado aos alunos ouvintes, tomámos conhecimento de que nenhum adulto falou com os alunos sobre a temática da surdez, tal como sugere Nielsen (1999), de modo a desmistificar medos que possam existir ou modificar conceitos erróneos. Ainda assim, não tendo sido sensibilizados para esta temática, os alunos ouvintes não se comportam de modo diferente e desadequado perante os colegas, pelo que parece que desde cedo a partilha do espaço escolar com esta realidade fez com que os conceitos erróneos se dissipassem e de forma inata esta fosse adquirida e aceite por todos.

Quanto à opinião acerca do professor, esta divide-se ligeiramente. Porém, as críticas negativas podem ser apenas uma má interpretação da prática desempenhada pelo professor, ou seja, os alunos referem que os professores gritam ou falam alto. Neste caso poderá ser o professor a tentar fazer-se ouvir perante os alunos surdos e não ter noção que não será necessário elevar tanto a voz.

Mais uma vez se destaca um ponto importante, a Língua Gestual Portuguesa mas desta vez no caso dos professores. Apesar de os professores não dominarem esta língua, os alunos reconhecem o interesse mostrado pelo professor para tentar aprendê-la aos poucos e aproximar-se mais da sua realidade.

Apesar de serem surdos, os alunos incluídos são implantados ou aparelhados e por isso dominam, alguns minimamente outros bem, a língua portuguesa, pelo que a maioria não se sente mal por as pessoas não comunicarem com eles em Língua Gestual Portuguesa.

Assim sendo, parece-nos poder salientar que o gosto pela escola, o apoio dos colegas ouvintes e o apoio e acompanhamento dos professores são elementos fundamentais para a inclusão dos alunos surdos.

Esta análise, que nos permitiu identificar os elementos que fazem com que os alunos surdos estejam incluídos, foi realizada com o apoio de questionários e complementada com entrevistas; ambos instrumentos foram eficazes e permitiram uma recolha de dados para responder à pergunta de partida.

Importa salientar que a investigadora provém de uma formação em Educação Social, pelo que a abordagem a esta temática foi para ela também uma aprendizagem.

Ao realizarmos a revisão da literatura tomámos contacto com o que são escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos e como deverá funcionar o seu ensino no que toca aos alunos surdos. Contudo, na escola onde foi realizado este estudo não se verifica a realidade descrita pelo Ministério da Educação e Ciência.

Com efeito, nesta escola, as aulas de ensino regular onde são colocados os alunos surdos implantados ou aparelhados não são lecionadas em Língua Gestual Portuguesa, mas sim em língua portuguesa. Este ensino apenas pode aplicar-se porque há um trabalho muito importante realizado pelos professores de Ensino Especial no ensino pré-escolar, pois neste nível de ensino é utilizada a Língua Gestual Portuguesa e ao mesmo tempo a introdução à língua portuguesa. Os professores de Ensino Especial vão tentando incuti-la nos alunos de modo a que estes a adquiram e consigam utilizá-la.

No nível de ensino seguinte, o 1.º ano de escolaridade, os alunos só são colocados nas turmas de ensino regular se dominarem suficientemente a língua portuguesa e se os professores de Ensino Especial acharem que é viável, ou seja, se os alunos têm condições para acompanhar a turma e realizar as aprendizagens. Evidentemente, caso isso não aconteça, o que se pretendia ser inclusão, dá lugar à exclusão.

O agrupamento ao qual pertence a escola de referência promove ações de formação de Língua Gestual Portuguesa, tal como sugere o Decreto-Lei n.º 3/2008 do *Diário da República*, destinadas à comunidade escolar e a outras pessoas que pretendam frequentá-las.

Embora não aplique totalmente o disposto na lei, a escola procura soluções de acordo com os contextos em que se insere, sendo este um meio fundamental para atingir os objetivos pretendidos.

Verificámos, ainda, que houve uma capitalização dos recursos existentes e o trabalho realizado foi feito sempre em colaboração com os intervenientes, isto é, os alunos e os professores.

Os resultados conseguidos por esta escola de referência são a confirmação de que se podem atingir os objetivos pretendidos utilizando os recursos existentes e, de mãos dadas, podemos chegar onde quisermos.

Por fim, deixamos algumas recomendações que consideramos importantes, tais como: incluir no currículo dos cursos de educação uma unidade curricular para aprendizagem de Língua Gestual Portuguesa e como agir numa turma com alunos surdos; incluir a Língua Gestual Portuguesa nos currículos desde o pré-escolar pois, tal como as línguas estrangeiras, é importante que as crianças aprendam esta língua reconhecida pela *Constituição da República Portuguesa*.

Este estudo poderá ser o ponto de partida para futuros estudos mais pormenorizados, de modo a aprofundar-se mais o tema estudado.

Bibliografia

- Afonso, C. (2008). *Reflexões sobre a surdez: A problemática específica da surdez*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Almeida, D., Cabral, E., Filipe, I., & Morgado, M. (2009). *Educação bilingue de alunos surdos: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.
- Almeida, F., Antunes, I., Caeiro, M., Cunha, I., Monteiro, L., Moreira, I., . . . Varão, L. (2004). *Tempo de mudança: Compreender a surdez*. Lisboa: Associação Internacional de Clubes Lions.
- Alves, G., & Pacheco, R. (2003). Reabilitação cirúrgica do ouvido médio. In J. L. Reis (Ed.), *Surdez: Diagnóstico e reabilitação* (Vol. II, pp. 215-244). Lisboa: Servier Portugal.
- Amaral, M., & Coutinho, A. (2002). A criança surda: Educação e inserção social. *Análise psicológica*, 3 (xx), pp. 373-378.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação* (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Redondo, M., & Carvalho, J. (2001). *Deficiência auditiva*. Brasília: MEC - Secretaria de Educação.
- Carvalho, P. (2007). *Breve história dos surdos em Portugal* (1.^a ed.). Carcavelos: Surd'Universo.
- Oliveira, P., Castro, F., & Ribeiro, A. (2002). Surdez infantil. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, 68. doi: 10.1590/S0034-72992002000300019
- Correia, L. (1999). Alunos com NEE. In L. d. Correia, *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada? In L. d. Correia (Org.), *Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 123-142). Porto: Porto Editora.
- Declaração de Salamanca, 1994, UNESCO.
- Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro. *Diário da República n.º 4 – 1.ª Série*. Lisboa.
- Despacho Normativo n.º 7520/98 de 6 de Maio. *Diário da República n.º 104 – 2.ª Série*. Lisboa.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2012). Obtido de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt/>

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. (2011). *Educação inclusiva e Educação Especial: Indicadores-chave para o desenvolvimento das escolas: Um guia para directores*. Lisboa: Ministério da Educação.

Duarte, I. (2006). Igualdade de oportunidades na criança surda. In M. Bispo, A. Couto, M. d. Clara, & L. Clara, *O gesto e a palavra I: Antologia de textos sobre a surdez* (pp. 257-274). Lisboa: Caminho.

Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. (2000). Lisboa: Verbo.

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Hegarty, S. (2001). O apoio centrado na escola: Novas oportunidades e novos desafios. In D. Rodrigues (Org.), *Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 79-92). Porto: Porto Editora.

Henriques, M. (2010). Terapêutica da surdez. In J. Paço, C. Branco, I. Moreira, C. Caroça, & M. Henriques, *Introdução à surdez* (pp. 61-79). Lisboa: Universidade Católica Editora.

Lei Constitucional n.º 2/97, artigo 74.º, alínea h) de 20 de Setembro. *Constituição da República Portuguesa*.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Marchesi, Á. (2001). A prática das escolas inclusivas. In D. Rodrigues, *Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 93-108). Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação e Ciência. (s.d.). *Escolas de referência para a educação do ensino bilingue de alunos surdos*. Obtido de Direção-Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/>

Nielsen, L. (1999). *Necessidades educativas especiais na sala de aula: Um guia para professores*. Porto: Porto Editora.

Nova Enciclopédia Larousse (Vol. 17). (1997). Lisboa: Círculo de Leitores.

Nunes, R. (1999). A audição e as ajudas individuais. In F. Pereira, *O aluno surdo em contexto escolar: A especificidade da criança surda* (pp. 21-31). Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.

Nunes, R. (2003). Reabilitação auditiva e adaptação protética. In J. Reis (Ed.), *Surdez diagnóstico e reabilitação* (Vol. II, pp. 245-271). Lisboa: Servier Portugal.

Quadros, R. (2010). *Bases biológicas e aquisição de linguagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, D. (2001). A educação e a diferença. In D. Rodrigues (Org.), *Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 13-34). Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (1999). Linguagem e educação. In F. Pereira (Coord.), *O aluno surdo em contexto escolar: A especificidade da criança surda* (pp. 9-17). Lisboa: Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica.

Anexos

Anexo 1 - Autorizações dos encarregados de educação

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.


Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____



Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Aos encarregados de educação:

Sou a Ana Antunes e encontro-me a terminar o Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, e para tal estou a realizar a dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* que inclui um trabalho de investigação cujo objetivo é abordar o desenvolvimento sócio afetivo da criança surda, na medida em que este promove a qualidade das relações interpessoais, através dos aspetos que facilitam a integração.

Deste modo, preciso de recolher a opinião do/a seu/sua filho/a através da realização de um questionário escrito. Este questionário é **anónimo**, logo não terá nenhum elemento que possa identificar os participantes. As informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Desde já agradeço a sua compreensão.

Autorizo

Não autorizo

O Encarregado de Educação: _____

Anexo 2 - Questionários aos alunos surdos

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? _____

1.2. O que gostas menos? _____

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? _____

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? _____

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? _____

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? _____

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

6.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio? Sim Não

7.1. Porquê? _____

8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

8.1. Gostavas que eles soubessem? Sim Não

9. Sentes-te gozado pelos teus colegas? Sim Não

9.1. Se sim, porquê? _____

10. Gostas do teu/tua professor/a? Sim Não

10.1. Porquê? _____

11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

11.1. Porquê? _____

12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

12.1. Se não, gostavas? Sim Não

13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?

14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens? Sim Não

Obrigada pela tua colaboração! ☺

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

5. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

Questionário

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? de matemáticas

1.2. O que gostas menos? de Português

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? Porque são meus amigos

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? Porque o professor fala alto.

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? Porque é mais difícil.

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? Porque os professores não ouvem.

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

6.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio? Sim Não

7.1. Porquê? Porque GOSTO

8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

8.1. Gostavas que eles soubessem? Sim Não

9. Sentes-te gozado pelos teus colegas? Sim Não

9.1. Se sim, porquê? Porque ela é fixe

10. Gostas do teu/tua professor/a? Sim Não

10.1. Porquê? porque ela é fixe

11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

11.1. Porquê? A professora não sabe.

12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

12.1. Se não, gostavas? Sim Não

13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?

triste

14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens? Sim Não

14.1. Se não, porquê? Porque os professores/ajudantes não sabem

15. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

15.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

15.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos e ouvintes

16.2. Se não, porquê? _____

Obrigada pela tua colaboração! 😊

A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

Questionário

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? GOSTO DE ESCREVER

1.2. O que gostas menos? _____

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? GOSTO DOS MENINOS E DAS MENINAS

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? ÀS VEZES NÃO PERCEBO A PROFESSORA ?

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? ÀS VEZES NÃO PERCEBO BEM

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? _____

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? brincare no intervalo

1.2. O que gostas menos? de ter aulas

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? Porque são amigos.

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? O professor fala alto.

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? O professor está ao pé de mim.

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? _____

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

- 6.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não
7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio? Sim Não
- 7.1. Porquê? Porque a turma quer brincar comigo e eu digo ok.
8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 8.1. Gostavas que eles soubessem? Sim Não ^{reais}
9. Sentes-te gozado pelos teus colegas? Sim Não
- 9.1. Se sim, porquê? _____
10. Gostas do teu/tua professor/a? Sim Não
- 10.1. Porquê? Porque é bom e diz boas coisas.
11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 11.1. Porquê? O meu professor está sempre a perguntar como se diz em língua gestual
12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 12.1. Se não, gostavas? Sim Não
13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?
Fico triste, porque gosto mais da língua gestual
14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens? Sim Não

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10 11

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

8.1. Gostas que eles sabem **Questionário**

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? danças e brincas e gosto de matemática

1.2. O que gostas menos? não gosto de inglês e ginástica

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? porque brinco com as minhas amigas todos os dias

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? porque a professora fala alto e escreve no quadro

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? porque trabalha bem para ir para o 5º ano

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? _____

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

- 6.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não
7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio? Sim Não
- 7.1. Porquê? os ouvintes não querem
8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 8.1. Gostavas que eles soubessem? Sim Não
9. Sentes-te gozado pelos teus colegas? Sim Não
- 9.1. Se sim, porquê? _____
10. Gostas do teu/tua professor/a? Sim Não
- 10.1. Porquê? porque a professora fala alto
11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 11.1. Porquê? gosto muito das duas línguas
12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 12.1. Se não, gostavas? Sim Não
13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?
Sinto-me bem
14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens? Sim Não

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10 11

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Gostas de ir à escola? Sim Não

1.1. O que gostas mais? jogar à bola ; gosto de história de Portugal

1.2. O que gostas menos? língua portuguesa

2. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

2.1. Porquê? porque os meus colegas me dão comportamento ruim

3. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

3.1. Porquê? porque a professora fala para mim

4. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

4.1. Porquê? porque lê pela vista e quando não percebe pede ajuda à professora

5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

5.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

5.2. Se não, porquê? _____

6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

6.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? porque não fala com eles

- 6.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não
7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio? Sim Não
- 7.1. Porquê? gosto e também brinca com os surdos
8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 8.1. Gostavas que eles soubessem? Sim Não
9. Sentes-te gozado pelos teus colegas? Sim Não
- 9.1. Se sim, porquê? _____
10. Gostas do teu/tua professor/a? Sim Não
- 10.1. Porquê? porque ela está sempre a goitar
11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 11.1. Porquê? porque gosto de gestos
12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa? Sim Não
- 12.1. Se não, gostavas? Sim Não
13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?
Não sinto nada porque percebo língua portuguesa
14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens? Sim Não

Obrigada pela tua colaboração! ☺

Anexo 3 - Análise dos questionários aos alunos surdos

Análise dos questionários dos alunos surdos

	Sim	Não
1. Gostas de ir à escola?	80%	20%

1.1. O que gostas mais?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Matemática	X			X	
Escrever		X			
Brincar no intervalo			X	X	
Dançar				X	
Jogar à bola					X
História de Portugal					X

1.2. O que gostas menos?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Língua portuguesa	X				X
Ter aulas			X		
Inglês				X	
Ginástica				X	

	Sim	Não
2. Sentes-te bem na tua turma?	80%	20%

2.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
São meus amigos	X		X		
Gosto dos meninos e das meninas		X			
Brinco com as minhas amigas todos os dias				X	
Se não, porquê?					
Porque me dão comportamento vermelho					X

	Sim	Não
3. Consegues acompanhar a aula?	100%	0%

3.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
O/A professor/a fala alto	X		X	X	
O/A professor/a escreve no quadro				X	
O/A professor/a fala para mim					X

	Sim	Não
4. Consegues perceber a matéria da aula?	60%	40%

4.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
O professor está ao pé de mim			X		
Trabalho bem para ir para o 5º ano				X	
Leio pelo livro e quando não percebo peço ajuda ao/à professor/a					X
Se não, porquê?					
É mais difícil	X				
Às vezes não percebo bem		X			

	Sim	Não
5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula?	80%	20%

	Colegas surdos	Colegas ouvintes
5.1. Se sim, quais te ajudam mais?	50%	50%

5.2. Se não, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
A professora não deixa	X				

	Sim	Não
6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas?	100%	0%

	Sim	Não
6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles?	80%	20%

	Colegas surdos	Colegas ouvintes
6.1.1. Com quais trabalhas mais?	40%	60%

	Sim	Não
7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio?	60%	40%

7.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Gosto	X				X
A turma quer brincar comigo e eu digo OK			X		
Se não, porquê?					
Gosto mais de brincar com surdos		X			
Os ouvintes não querem				X	

	Sim	Não
8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa?	60%	40%

	Sim	Não
8.1. Gostavas que eles soubessem?	100%	0%

	Sim	Não
9. Sentes-te gozado pelos teus colegas?	0%	100%

	Sim	Não
10. Gostas do teu/tua professor/a?	60%	40%

10.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Ela é fixe	X				
É bom e diz bem as coisas		X			
Se não, porquê?					
Fala alto				X	
Está sempre a gritar					X

	Sim	Não
11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa?	100%	0%

	Sim	Não
12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa?	0%	100%

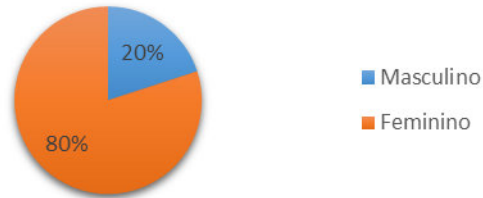
	Sim	Não
12.1. Se não, gostavas?	100%	0%

13. Como te sentes quando não falam Língua Gestual Portuguesa contigo?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Nada	X				
Fico triste		X			
Fico triste porque gosto mais da Língua Gestual			X		
Sinto-me bem				X	
Não sinto nada porque percebo língua portuguesa					X

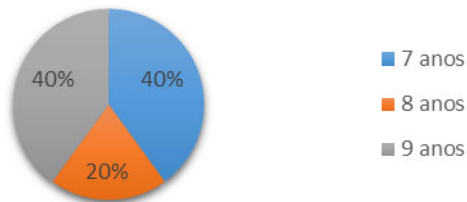
	Sim	Não
14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens?	80%	20%

Análise dos questionários dos alunos surdos

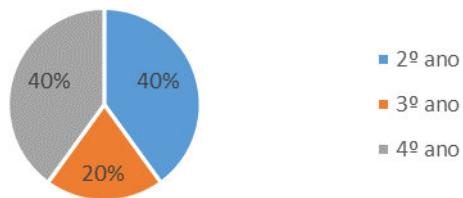
Género



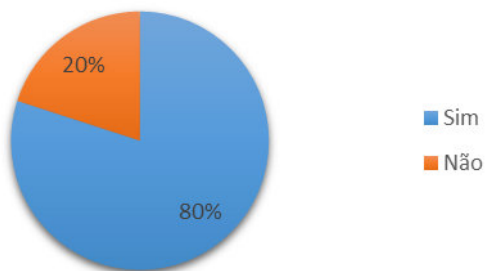
Idade



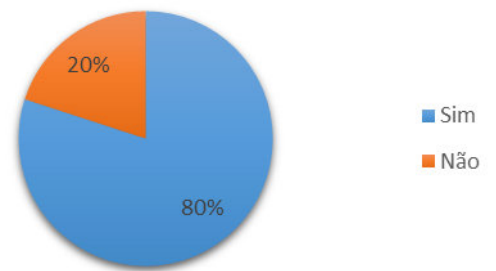
Ano de escolaridade



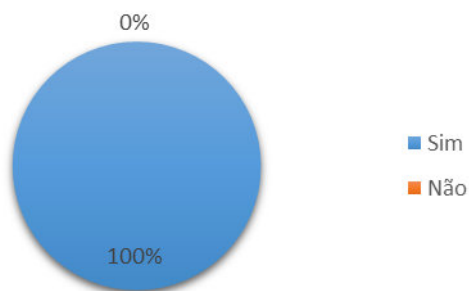
1. Gostas de ir à escola?



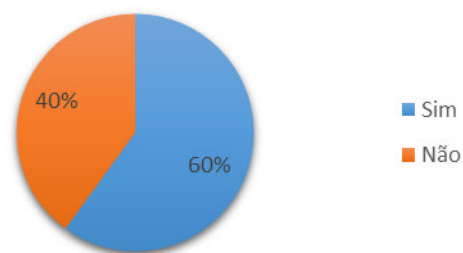
2. Sentes-te bem na tua turma?



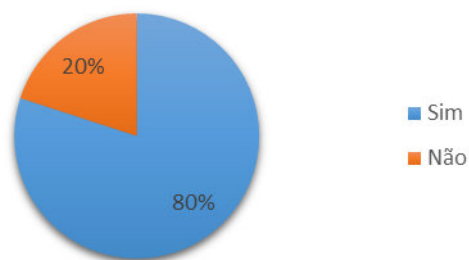
3. Consegues acompanhar a aula?



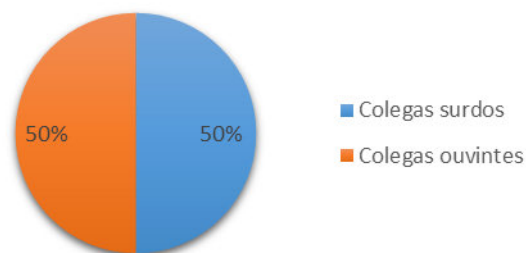
4. Consegues perceber a matéria da aula?



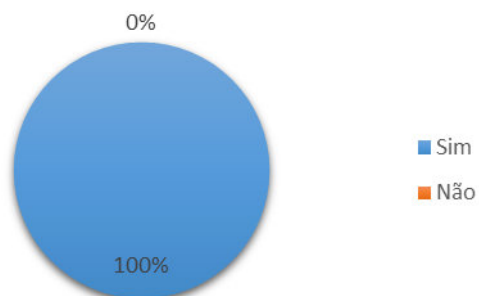
5. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula?



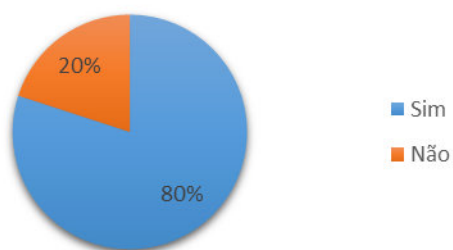
5.1. Se sim, quais te ajudam mais?



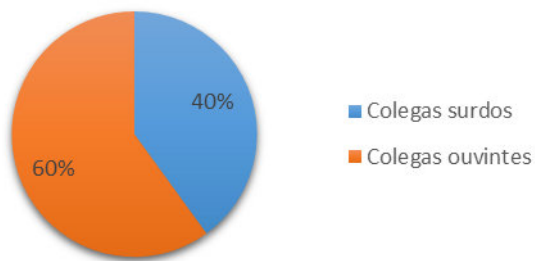
6. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas?



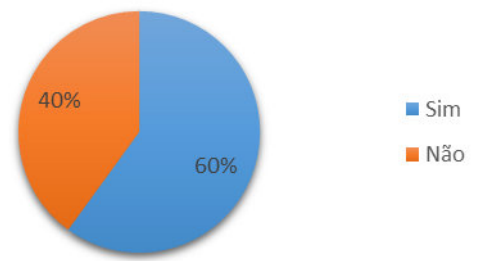
6.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles?



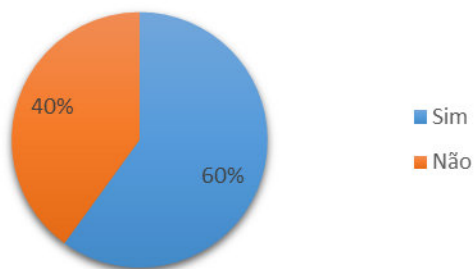
6.1.1. Com quais trabalhas mais?



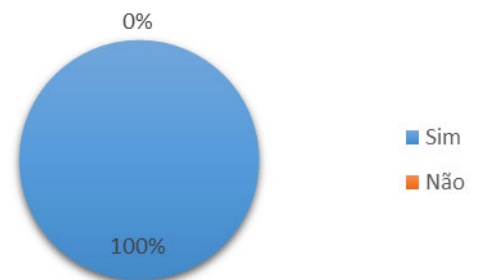
7. Costumas brincar com os teus colegas ouvintes no recreio?



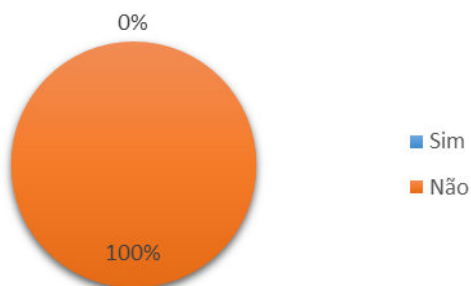
8. Os teus colegas ouvintes sabem Língua Gestual Portuguesa?



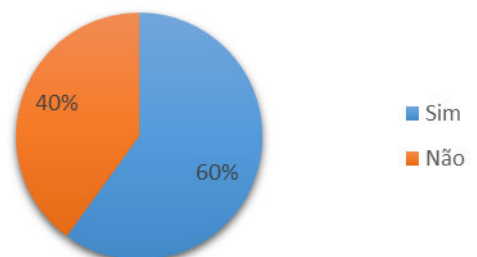
8.1. Gostavas que eles soubessem?



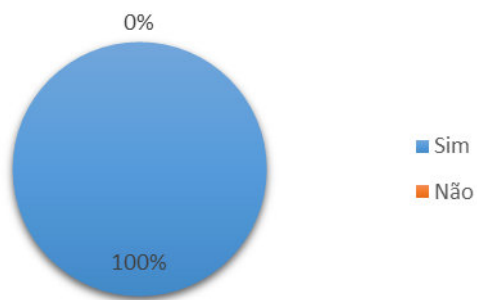
9. Sentes-te gozado pelos teus colegas?



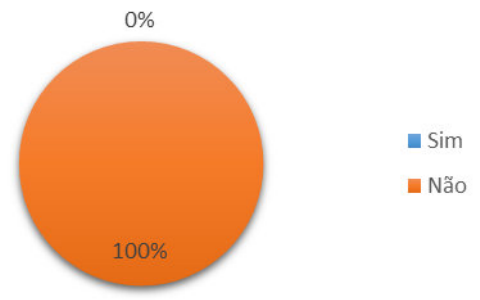
10. Gostas do teu/tua professor/a?



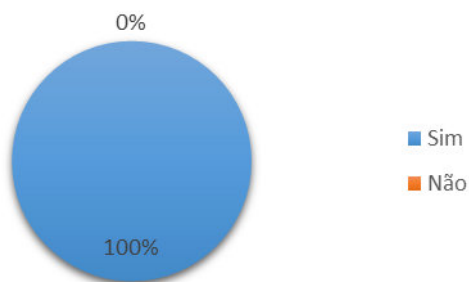
11. Gostas que o professor fale contigo em Língua Gestual Portuguesa?



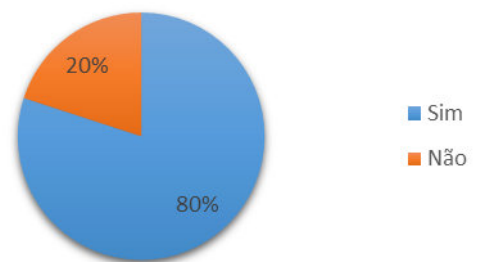
12. Todos os professores falam contigo em Língua Gestual Portuguesa?



12.1. Se não, gostavas?



14. Tens apoio fora da sala de aula para te ajudar nas aprendizagens?



Anexo 4 – Questionários aos alunos ouvintes

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? _____

2.2. O que gostas menos? _____

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? _____

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? _____

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? _____

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? _____

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gozas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? _____

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10 Com eles? Sim Não

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º Em recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê?

Questionário

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? gosto de aprender e de brincar

2.2. O que gostas menos? não gosto de ficar de castigo

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? porque brinco com as colegas e gosto da professora

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? a professora explica bem

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? porque gosto da matéria

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? porque a professora diz para ficarmos todos calados

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? _____

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gozas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? _____

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10 com eles? Sim Não

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º no recreio? Sim Não

2.1. Se não, porquê? _____

Questionário

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? trabalhar, brincas

2.2. O que gostas menos? _____

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? porque gosto de brincas com os colegas e gosto da professora

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? porque faço as coisas rápido e bem

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? a professora fala um bocadinho alto e eu percebo

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? _____

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gozas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? _____

11. Sentas-te bem na tua turma? Sim Não

11.1. Porquê? porque gosto de trabalhar com os colegas e gosto da professora

12. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

Obrigada pela tua colaboração! 😊

12.1. Porquê? porque faço os trabalhos todos os dias

13. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

13.1. Porquê? a professora fala um bocadinho alto e eu percebo

14. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

14.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

14.2. Se não, porquê? _____

15. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

15.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

15.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? intervalo

2.2. O que gostas menos? de acordar cedo

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? porque ninguém me chateia

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? o professor explica muito bem, não fala muito rápido

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? não fala muito baixo

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? porque só há meninas e nós jogamos à bola e elas não querem

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gozas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? _____

11. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

11.1. Porquê? porque não tenho problemas

12. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

12.1. Porquê? porque não tenho problemas

Obrigada pela tua colaboração! 😊

13. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

13.1. Porquê? não fala muito baixo

14. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

14.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

14.2. Se não, porquê? _____

15. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

15.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

15.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10 com eles? Sim Não

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? _____

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? **Questionário**

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? brincas, fazer os trabalhos

2.2. O que gostas menos? que os meninos não sejam meus amigos

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? gosto dos meus colegas

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? não sei Obrigada pela tua colaboração!

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? o professor explica bem

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? não sei

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? _____

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gostas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? não sei explicar _____

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Género: Masculino Feminino

Idade: 6 7 8 9 10

Ano de escolaridade: 1º 2º 3º 4º

Questionário

1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez? Sim Não

2. Gostas de ir à escola? Sim Não

2.1. O que gostas mais? gosto de brincar e de aprender

2.2. O que gostas menos? _____

3. Sentes-te bem na tua turma? Sim Não

3.1. Porquê? porque sou amigo dos meus colegas

4. Consegues acompanhar a aula? Sim Não

4.1. Porquê? não sei explicar mas acabo os trabalhos mais rápido

5. Consegues perceber a matéria da aula? Sim Não

5.1. Porquê? porque a professora explica muito bem e eu presto atenção nas aulas

6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula? Sim Não

6.1. Se sim, quais te ajudam mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

6.2. Se não, porquê? _____

7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas? Sim Não

7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles? Sim Não

7.1.1. Com quais trabalhas mais? Colegas surdos Colegas ouvintes

7.2. Se não, porquê? _____

7.2.1. Gostavas de trabalhar com eles? Sim Não

8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio? Sim Não

8.1. Se não, porquê? só brinca com um colega surdo que é da pré-escola.

9. Sabes Língua Gestual Portuguesa? Sim Não

9.1. Se não, gostavas de aprender? Sim Não

9.1.1. Porquê? _____

10. Gozas com os teus colegas surdos? Sim Não

10.1. Se sim, porquê? _____

Obrigada pela tua colaboração! 😊

Anexo 5 - Análise dos questionários aos alunos ouvintes

Análise dos questionários dos alunos ouvintes

	Sim	Não
1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez?	0%	100%

	Sim	Não
2. Gostas de ir à escola?	100%	0%

2.1. O que gostas mais?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Aprender	X				X
Brincar	X	X		X	X
Trabalhar		X		X	
Intervalo			X		

2.2. O que gostas menos na escola?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Ficar de castigo	X				
Acordar cedo			X		
Que os meninos não sejam meus amigos				X	

	Sim	Não
3. Sentes-te bem na tua turma?	100%	0%

3.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Brinco com os colegas	X	X			
Gosto da professora	X	X			
Ninguém me chateia			X		
Gosto dos meus colegas				X	
Sou amigo dos meus colegas					X

	Sim	Não
4. Consegues acompanhar a aula?	100%	0%

4.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
A professora explica bem	X				
Faço as coisas rápido e bem		X			
O professor explica muito bem e não fala muito rápido			X		
Não sei				X	
Não sei explicar mas acabo os trabalhos mais rápido					X

	Sim	Não
5. Consegues perceber a matéria da aula?	100%	0%

5.1. Se sim, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Gosto da matéria	X				
A professora fala um bocadinho alto e eu percebo		X			
O professor não fala muito baixo			X		
O professor explica bem				X	
A professora explica muito bem e eu presto atenção nas aulas					X

	Sim	Não
6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula?	60%	40%

	Colegas surdos	Colegas ouvintes
6.1. Se sim, quais te ajudam mais?	0%	100%

6.2. Se não, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
A professora diz para ficarmos todos calados	X				
Não sei				X	

	Sim	Não
7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas?	100%	0%

	Sim	Não
7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles?	100%	0%

	Colegas surdos	Colegas ouvintes
7.1.1. Com quais trabalhas mais?	0%	100%

	Sim	Não
8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio?	60%	40%

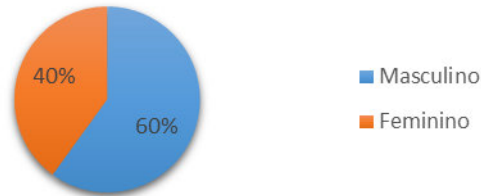
8.1. Se não, porquê?	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Só há meninas e nós jogamos à bola e elas não querem			X		
Só brinco com um colega surdo que é da pré-escola					X

	Sim	Não
9. Sabes Língua Gestual Portuguesa?	100%	0%

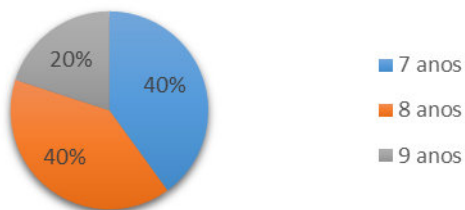
	Sim	Não
10. Gozas com os teus colegas surdos?	20%	80%

Análise dos questionários dos alunos ouvintes

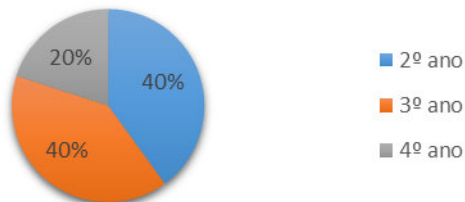
Género



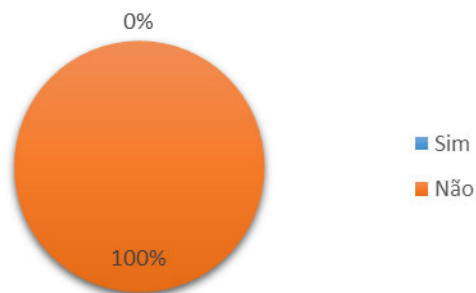
Idade



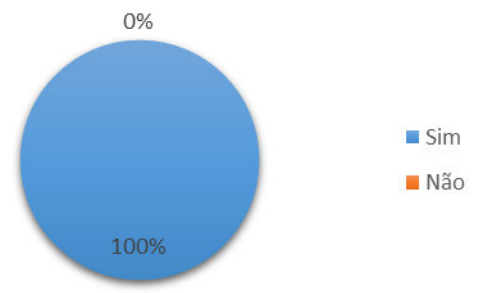
Ano de escolaridade



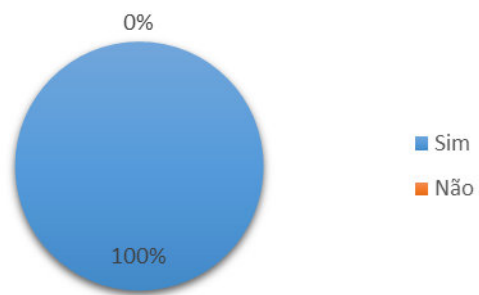
1. Algum adulto falou contigo sobre a surdez?



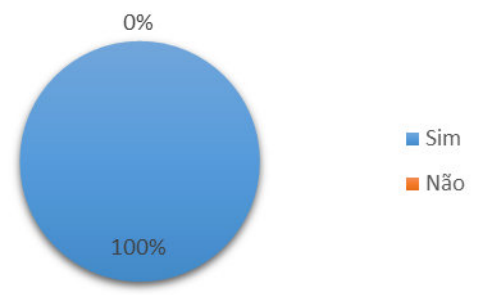
2. Gostas de ir à escola?



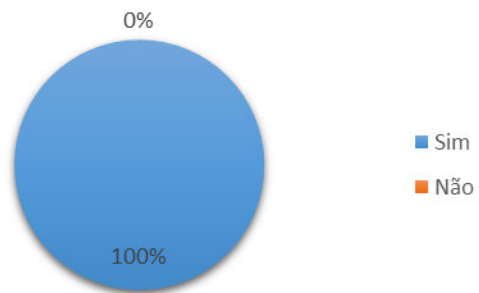
3. Sentes-te bem na tua turma?



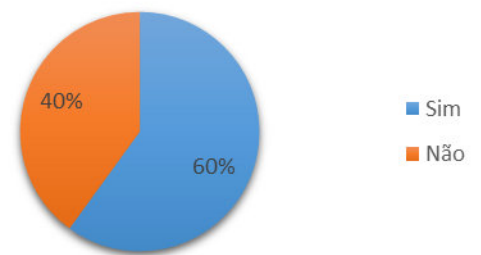
4. Consegues acompanhar a aula?



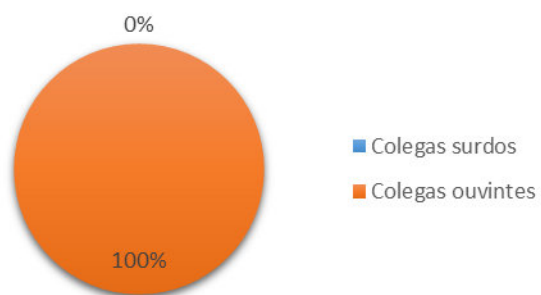
5. Consegues perceber a matéria da aula?



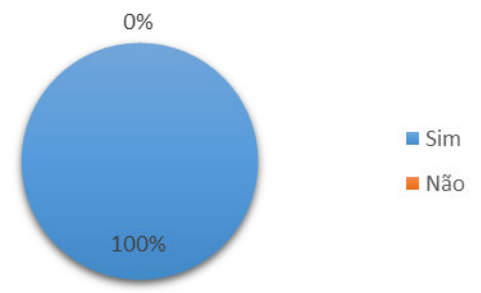
6. Os teus colegas ajudam-te com os trabalhos na sala de aula?



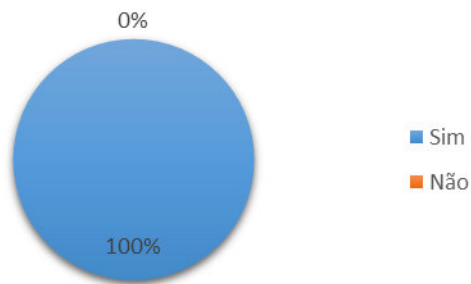
6.1 Se sim, quais te ajudam mais?



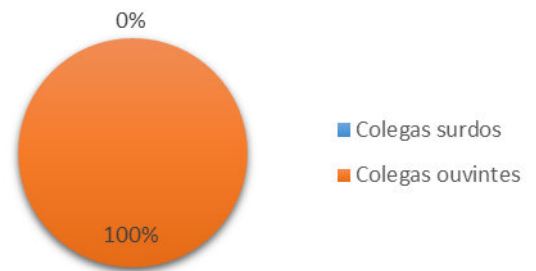
7. Costumas trabalhar em grupo com os teus colegas?



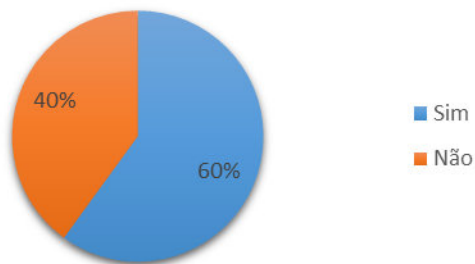
7.1. Se sim, gostas de trabalhar com eles?



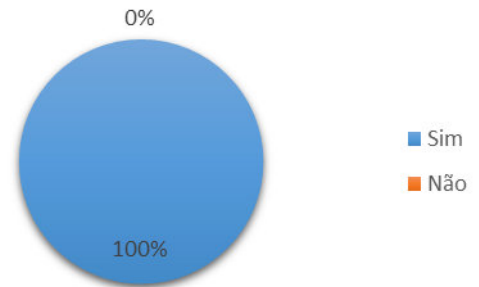
7.1.1. Com quais trabalhas mais?



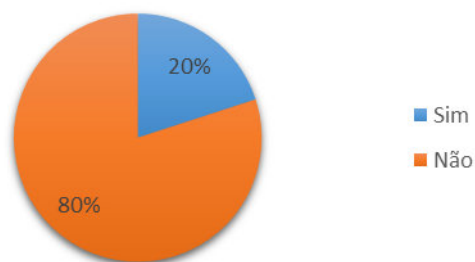
8. Costumas brincar com os teus colegas surdos no recreio?



9. Sabes Língua Gestual Portuguesa?



10. Gozas com os teus colegas surdos?



Anexo 6 - Questionários aos professores titulares de turma

Este questionário insere-se no âmbito da dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* para a obtenção de Mestrado em Ciências da Educação. Este questionário é **anónimo** e as informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças surdas em turmas regulares?

Promove as relações interpessoais entre as crianças surdas e as crianças ouvintes? De que modo?

Como gere a aula para conseguir ensinar as crianças surdas e as crianças ouvintes?

Obrigada pela sua colaboração!

Este questionário insere-se no âmbito da dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* para a obtenção de Mestrado em Ciências da Educação. Este questionário é **anónimo** e as informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças surdas em turmas regulares?

A inclusão de crianças surdas em turmas regulares constitui na minha opinião um meio importante para ambas aprenderem (troca de saberes) e serem mais tolerantes em relação à diferença. É o contacto com a diferença que vai permitir ver e aceitar o outro de uma forma mais inclusiva. Além disso apenas temos "uma sociedade" para todos (conviverem).

Promove as relações interpessoais entre as crianças surdas e as crianças ouvintes? De que modo?

Promovo as relações interpessoais entre as crianças surdas, ouvintes e quaisquer outras. Ser tolerante e aceitar a diferença é uma competência que considero que os meus alunos devam ter. A promoção é feita *

Como gere a aula para conseguir ensinar as crianças surdas e as crianças ouvintes? Transversal,

A Gestão é feita através da organização metódica dos tempos e dos espaços da aula. Também é feita através de métodos de aprendizagem mais centrados nos alunos e nas suas competências, como a aprendizagem cooperativa. No entanto não uso este método tantas vezes como aquelas que desejava, talvez por ter dificuldade em abandonar os métodos mais tradicionais (ensino centrado no professor) e pelo facto destes serem mais aceites pela comunidade educativa em geral. Obrigada pela sua colaboração!

* no entanto a formação cívica é a disciplina por excelência para promover essas relações interpessoais.

Este questionário insere-se no âmbito da dissertação de mestrado intitulada *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares* para a obtenção de Mestrado em Ciências da Educação. Este questionário é **anónimo** e as informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados.

Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças surdas em turmas regulares?

Em minha opinião é uma boa estratégia se for acompanhada com docentes ou formadores com formação específica em surdez. Caso contrário pode ser uma catástrofe.

Promove as relações interpessoais entre as crianças surdas e as crianças ouvintes? De que modo?

Claro que promove visto que estão em permanente contacto e desenvolvem-se mutuamente.

Como gere a aula para conseguir ensinar as crianças surdas e as crianças ouvintes?

Tento não salientar essa diferença, usando estratégias parecidas, para que não haja exclusão. Embora por vezes seja um pouco difícil. Volto a salientar que é essencial o acompanhamento intensivo, de técnicos específicos.

Obrigada pela sua colaboração!

**Anexo 7 - Análise de conteúdo dos questionários aos
professores titulares de turma**

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Inclusão em turmas regulares	Troca de saberes	Aprendizagem	<i>... um meio importante para ambos aprenderem... (P1)</i> <i>... troca de saberes... (P1)</i>
	Tolerância	Relativamente à diferença	<i>... serem mais tolerantes em relação à diferença... (P1)</i> <i>É o contacto com a diferença que vai permitir ver e aceitar o outro de uma forma mais inclusiva. (P1)</i>
	Boa estratégia	Formadores com formação específica	<i>... é uma boa estratégia se for acompanhada com docentes ou formadores com formação específica em surdez. (P2)</i>
Promoção de relações interpessoais surdos/ouvintes	Relações interpessoais	Entre as crianças	<i>Promovo as relações interpessoais entre as crianças surdas, ouvintes e quaisquer outras. (P1)</i>
	Ser tolerante	Aceitar a diferença	<i>Ser tolerante e aceitar a diferença é uma competência que considero que os meus alunos devam ter. (P1)</i>
	Promoção	Transversal	<i>A promoção é feita transversalmente, no entanto a formação cívica é a disciplina por excelência para promover essas relações interpessoais. (P1)</i>
	Contacto	Desenvolvimento	<i>... visto que estão em permanente contacto e desenvolvem-se mutuamente. (P2)</i>
Gestão da aula	Organização	Tempo e espaço	<i>... é feita através da organização metódica dos tempos e dos espaços da aula. (P1)</i>
	Aprendizagem	Centrada no aluno	<i>... métodos de aprendizagem mais centrados nos alunos e nas suas competências, como a aprendizagem cooperativa. (P1)</i>

	Estratégias idênticas	Sem exclusão	<i>... não salientar essa diferença, usando estratégias parecidas, para que não haja exclusão. (P2)</i>
	Acompanhamento	Técnicos específicos	<i>... é essencial o acompanhamento intensivo, de técnicos específicos. (P2)</i>

**Anexo 8 – Guião das entrevistas aos professores titulares
de turma e professores de Educação Especial**

Guião de entrevista

Esta entrevista insere-se no âmbito da dissertação de mestrado intitulada *A Língua Gestual Portuguesa como processo de inclusão na sala de aula* para a obtenção de Mestrado em Ciências da Educação. A entrevista é **anónima**, as informações recolhidas servirão apenas para tratamento de dados e pretende-se que seja respondida oralmente pelo entrevistado.

Questões	Objetivos
Que considerações lhe merecem estes resultados?	Permitir ao/à professor/a tecer comentários acerca dos resultados obtidos.
No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?	Confrontar o/a professor/a com os resultados obtidos nos questionários aplicados aos alunos surdos.
Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?	Perceber se os alunos surdos estão incluídos nas salas de aula regulares.
Na sua turma os alunos surdos estão incluídos? ¹ Os alunos surdos que apoia nas salas de aula regulares estão incluídos? ²	
Na sua perspetiva, o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?	Identificar quais os meios para conseguir a inclusão dos alunos surdos.
Que estratégias sugeria para que isso acontecesse?	

¹ Questão colocada aos professores titulares de turma.

² Questão colocada aos professores de educação especial.

**Anexo 9 - Protocolo das entrevistas aos professores
titulares de turma e aos professores de
Educação Especial**

Entrevistado: Professor titular de turma 1 (PTT1)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

Pois, não tenho muitas considerações a fazer. Tenho só a dizer que parece que os alunos se sentem bem nas turmas de ouvintes e que é bom para eles estarem nestas turmas.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

Alguns resultados esperava, nomeadamente se eles têm apoio... sim, têm apoio. Mais coisas... Aqui pergunta “Todos os professores falam contigo em língua gestual?”, eles disseram que não mas alguns falam algumas coisas. Claro que manter uma conversação em língua gestual secalhar não. O professor do regular não domina a língua gestual, portanto não conseguirá manter essa conversação.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Eu acho que é importante para eles porque é bom que tomem conta da linguagem, e que ouçam. Portanto, a inclusão dos alunos surdos nas salas dos regulares, eu acho muito importante. Considero que é de extrema importância porque lhes permite ter contacto com a linguagem. Eles ouvem e é importante ouvirem porque assim aprendem a falar. Tanto que, na minha sala um aluno que foi implantado e começou a ouvir aos 2 anos, fala muito melhor do que uma aluna que lá está que foi implantada e começou a ouvir aos 6, portanto aí nota-se toda a diferença e vê-se bem a importância de eles estarem numa sala onde se fala.

Na sua turma os alunos surdos estão incluídos?

Sim, eu penso que sim que eles estão incluídos. Se bem que eu acho que eles às vezes mostram que lhes apetecia estar com os surdos, acho que eles às vezes se identificam muito com os outros surdos da escola, gostam mais de brincar com os outros surdos e

estar ao pé deles. Às vezes dizem que gostavam de estar na sala com eles porque é uma questão de nós nos identificarmos com o grupo ao qual pertencemos. Portanto, tem a ver com o facto de eles pertencerem àquele grupo e sentirem-se bem naquele grupo como nós nos sentimos bem no grupo ao qual pertencemos, é igual.

Na sua perspetiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Talvez formação de professores. Os professores terem sensibilidade para estas coisas, porque quanto mais sensibilidade os professores tiverem, melhor. E os alunos ouvintes também, quanto mais lidarem com a diferença mais recetivos estarão e mais “normal” acharão. Se nunca lidarem com a diferença, não vão achar nunca “normal”.

Que estratégias sugeria para que isso acontecesse?

Eu sugeria a estratégia que se usa aqui na escola que é a integração de surdos em classes de ouvintes sempre que possível, porque às vezes não é possível. No entanto, eu acho que essa é a melhor forma de inclusão. Começa por aí... Formação de professores também me parece bem.

Entrevistado: Professor titular de turma 2 (PTT2)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

Os resultados penso que estão de acordo com a perspectiva e com a forma como eu vejo a integração dos surdos porque é aquilo que eu sinto na minha sala. Tenho 2 alunas que são surdas, apesar de terem aparelho não são surdas totais, mas elas sentem-se integradas. Daquilo que eu estive a observar e dos fatores que neste caso se salientam, o que me salta mais à atenção é eles gostarem de estar cá. O fator negativo dos professores é nós todos não sabermos língua gestual mas pronto pode ser uma falha da nossa formação de base. É a primeira vez que eu passo por uma experiência de uma escola com alunos surdos e esforço-me ao máximo para que eles se sintam integrados e para que não se sintam à margem de tudo aquilo que se passa.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

Os resultados são sempre uma incógnita porque nós muitas vezes não sabemos qual é a opinião dos alunos mas penso que aquilo que está aqui é aquilo que eu sinto cá na escola, que acontece.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Por vezes é complicado porque os alunos surdos, não é que eles se sintam à margem nem que nós façamos com que eles estejam à margem, mas por vezes quando existe algum problema externo, por exemplo, a falta de pilha ou o aparelho que não funciona ou o aparelho que está a funcionar menos bem, eles têm muito mais dificuldades e nós na escola não temos como resolver esse tipo de problemas, pelo menos logo rapidamente. Por isso, eu acho que a inclusão bem-feita era ter sempre alguém a acompanhá-los de forma a que tivessem tudo de igual modo como os outros. Nós sabemos que isso é impossível mas eu acho que desde que haja um apoio como tem havido aqui na nossa escola, com os professores de Ensino Especial que estão com eles quase regularmente e quando não estão, se nós tivermos alguma dúvida solicitamos

porque podem estar noutra sala e eles acorrem logo de imediato. Eu penso que a inclusão é bem vista se eles perceberem o que está a acontecer. Se eles se sentirem um pouco à margem, secalhar teriam que ser tiradas turmas específicas de alunos com as diferenças que eles têm.

Na sua turma os alunos surdos estão incluídos?

Sim, sim, estão completamente incluídos, aliás, foi uma coisa que eu notei desde o primeiro dia que estou aqui. Não estou aqui há muito tempo, estou aqui só há 2 anos, ou seja, o primeiro ano que estive com eles verifiquei que estavam completamente inseridos no grupo e era como se fossem completamente iguais aos outros.

Na sua perspetiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Na minha perspetiva era que houvesse um acompanhamento ainda mais próximo e mais constante para que eles se sentissem completamente iguais aos outros porque há sempre situações que eles não percebem, ou porque nós estamos de costas e falamos sem querer e eles não percebem e não conseguem ler nos lábios, ou porque podem estar distraídos com alguma coisa e a atenção deles em termos de ouvido não é completamente igual à dos outros. Mas se houvesse mais acompanhamento ou um professor a tempo inteiro, isto é, dois professores, o professor titular de turma e o professor que acompanhasse, secalhar seria ainda melhor.

Que estratégias sugeria para que isso acontecesse?

Pronto foi aquilo que já disse. Sei que isso é um pouco utopia e secalhar vai ser muito difícil isso acontecer. Não sei até que ponto e não tenho valência para isso, para tentar perceber se eles ficariam melhor só surdos com surdos, até dependendo do grau de surdez que eles poderão ter, os que têm mais ou menos estarem todos juntos. Aquilo que eu tento fazer é colocar os alunos surdos ao pé de alguns assim melhorzinhos para

que os ajudem em alguma coisa que eles não percebem. É isso que tem acontecido e os resultados que eu tenho tido têm sido bons, não minha opinião.

Entrevistado: Professor titular de turma 3 (PTT3)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

Eu acho que por estes resultados nós conseguimos perceber que os alunos realmente gostam de vir à escola e que se sentem bem neste tipo de escola onde têm meninos surdos e meninos ouvintes. Gostam daquilo que fazem, gostam dos professores, gostam das atividades que lhes são propostas, gostam dos colegas. Portanto acho que é um resultado positivo, na minha opinião.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

No geral, esperava sim porque acho que a escola tem um bom ambiente, tanto em alunos como professores, embora nem todos os professores tenham facilidade na língua gestual, o que por vezes cria algumas situações mais complicadas. Portanto, ao longo dos dias não se vê que hajam muitos problemas, às vezes há alguns conflitos a nível de comportamento mas no geral eu acho que, pelo menos aquilo que aparenta, é que eles se sentem bem, tanto eles connosco, como nós com eles. Portanto acho que temos conseguido comunicar e trabalhar e tem dado resultados bastante positivos, na minha opinião.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Desde que trabalho aqui que trabalho com meninos surdos. Na minha opinião, a inclusão é positiva mas também depende dos alunos, portanto, eu já tive os dois casos, aqueles alunos que conseguem ter uma boa capacidade de ouvido, o resultado torna-se positivo, quando a capacidade é muito reduzida, é complicado. Por mais que tentemos que eles percebam não conseguem ter o mesmo ritmo e chega ali uma altura que eles se perdem porque a maior parte deles o problema não é só a surdez, por vezes têm também problemas de compreensão. Quando problemas de compreensão se juntam com surdez é impossível. Eu tenho esses dois exemplos na sala. Tenho duas meninas que são surdas mas são aparelhadas, não são implantadas.

Uma delas a nível de compreensão tem muito pouco, portanto acompanhou o primeiro ano, a partir daí já não conseguiu acompanhar mais. A outra não, a outra consegue acompanhar o grupo, aliás, ela está no grupo dos meus melhores alunos a nível de sala porque ela ouve, portanto não ouve a cem por cento mas ouve relativamente bem e a nível de compreensão e capacidades é muito boa, portanto consegue acompanhar muito bem. Eu concordo com a inclusão porque eu acho que meninos que ouvem estarem em turmas de alunos surdos, completamente surdos, não concordo, porque eles ouvem, eles falam, têm é que talvez ter mais algum apoio. O apoio para esses meninos devia ser a nível de sala de aula para os ajudar nos trabalhos. Acho que seria bom, eu sou a favor, pelo menos acho que tem corrido muito bem.

Na sua turma os alunos surdos estão incluídos?

Sim, na minha turma os alunos surdos estão incluídos. As duas meninas que tenho estão incluídas, portanto, uma acompanha, a outra não mas incluídas, estão.

Na sua perspetiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Na minha opinião era terem mais ajuda a nível de uma professora de apoio que pudesse ajudá-los mais naquelas matérias que por vezes nos é mais difícil de explicar porque eles a nível de bases de linguagem têm muito pouco, os conteúdos não percebem muito bem e nós temos que explicar tudo ali muito bem explicado. Se tivéssemos uma professora mais tempo com eles, por exemplo, nós podíamos dar a matéria e a seguir a professora podia trabalhar a matéria todos os dias com eles, isso ajudaria muito. Seria muito mais produtivo, seria um aspeto bastante positivo para alguns, não para todos, mas para alguns.

Que estratégias sugeriria para que isso acontecesse?

Colocar mais professores de apoio para podermos ter mais número de horas, porque as horas que temos são poucas e também temos poucos professores. Basicamente era isso. Temos também outros materiais mais apelativos para trabalhar com eles porque realmente eles precisam de materiais mais concretos e nós a nível de sala de aula não temos. Portanto, temos o material que eles usam e pronto. Este ano tivemos o quadro interativo mas de qualquer das maneiras não é só isso que precisamos. Até a nível da matemática temos materiais mais concretos para podermos trabalhar com eles.

Entrevistado: Professor Educação Especial 1 (PEE1)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

É a análise do que eles realmente gostam todos, do conjunto, desde o segundo até ao terceiro ano. Acho que sim, acho que é a realidade deles, acho que é uma realidade.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

Sim, esperava estes resultados obtidos porque realmente espelha aquilo que eles fazem nas salas e o trabalho que têm comigo e com o professor.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Penso que primeiro a inclusão tem que ser aqueles alunos que nós mais ou menos, quase temos a certeza que eles se conseguem incluir, apesar de nunca conseguirem acompanhar completamente porque têm o problema da comunicação e da língua. Mas pronto penso que é uma coisa positiva.

Os alunos surdos que apoia nas salas de aula regulares estão incluídos?

Sim.

Na sua perspetiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Desenvolvimento da língua oral. A escrita também mas a escrita é mais fora do contexto sala de aula porque é um trabalho específico. O que desenvolve mais é a oralidade.

Que estratégias sugeriria para que isso acontecesse?

Primeiro é importante que o professor do regular seja sensível à questão da problemática dos alunos surdos porque se o professor não estiver sensibilizado os meninos nunca fazem a inclusão. Têm que estar à frente, têm que falar diretamente para eles, se não falarem diretamente para eles, se falarem no geral, os alunos surdos por mais que tenham implantes, por mais que pareça que percebem, não percebem nada. Se o professor não tiver esta sensibilidade, eles nunca aprendem porque o que acontece é que, como eles falam muito e falam bem, os professores esquecem-se muitas vezes do problema deles, então acham que dão uma aula para todos e que eles percebem. E quando se pergunta, eles dizem que percebem sempre, mas na verdade não. Pronto é isto, e tem que haver um trabalho muito específico comigo, porque eu faço o reforço ou antecipação de tudo o que o professor dá porque senão eles não ficam lá com as competências, por muito bons que sejam.

Entrevistado: Professor Educação Especial 2 (PEE2)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

Eu de facto estava à espera que eles manifestassem a vontade de os professores falarem língua gestual com eles. Era essencialmente isso mas também sei que se sentem bem onde estão, que têm os apoios que necessitam e parece-me que eles neste questionário revelam isso.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

Por acaso não pensei que eles ficassem tão tristes, não manifestassem esta tristeza quando não falam língua gestual com eles exatamente porque estes sobre os quais o trabalho é feito, falam, compreendem a língua e usam as duas línguas sempre que podem e que querem.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Considero que se o aluno tiver competências para o desenvolvimento da língua portuguesa, de facto deve estar numa turma de ouvintes, não tenho dúvidas. As possibilidades que a criança tem de compreender a língua escrita e através da língua escrita aceder ao conhecimento é muito maior do que aceder ao conhecimento através da língua gestual ou da tradução da língua escrita para língua gestual. Não tenho dúvidas que os resultados são bem melhores do ponto de vista das aprendizagens.

Os alunos surdos que apoia nas salas de aula regulares estão incluídos?

Estão. Esta escola de referência inclui tanto as turmas de surdos como os alunos surdos em turmas de ouvintes. Apesar de eles manifestarem sempre um ponto de vista afetivo, manifestam a vontade de estar com os alunos que têm como língua comum, a língua gestual. Portanto, eles aproximam-se sempre sempre mais dos

colegas surdos do que dos colegas ouvintes porque falam a mesma língua e a comunidade linguística é uma coisa importante.

Na sua perspectiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Menor número de alunos nas turmas, isso deve ser respeitado e o ter à mão e à disposição tecnologias diferenciadas para projeção de imagens. E também era importante que todos os professores tivessem sempre presente todas as estratégias que são necessárias ter para que os alunos surdos estejam atentos ao que ouvem e não estejam mais atentos ao que veem porque essa é a tendência deles.

Que estratégias sugeria para que isso acontecesse?

Todos os professores que recebem alunos surdos tentam perceber o que é a surdez e quando estão conosco pedem que nós os ajudemos a salientar e a perceber o que é relevante na compreensão dos surdos. Considero importante que os professores aprendam língua gestual mesmo que seja rudimentar porque isso aproxima-os dos alunos. Eles precisam disso, precisam de saber que alguém se interessa, mesmo que não saiba, que se interessa bastante pela forma como eles comunicam, preferencialmente. Isto mesmo para os alunos que falam e pronto essa partilha, essa possibilidade de partilha das duas línguas acho que é fundamental.

Entrevistado: Professor Educação Especial 3 (PEE3)

Que considerações lhe merecem estes resultados?

Em relação aos resultados obtidos neste levantamento feito pela Ana parece-me que dão uma resposta exatamente adequada aquilo que são as nossas problemáticas e as dificuldades essenciais que os surdos sentem. Relativamente aos professores das turmas onde integramos os alunos parece-me realmente claro que ainda não conseguimos neste momento que os professores respondam às nossas necessidades, que é mostrarem mais interesse pela língua gestual para que na lecionação dos conteúdos usem também a língua gestual e permitam às crianças surdas uma melhor integração e uma melhor aquisição dos conhecimentos.

No geral, esperava os resultados obtidos? Porquê?

Exatamente. No geral esperava os resultados obtidos sim. Esperava exatamente estes resultados, é notória a dificuldade na língua portuguesa, uma vez que o *handicap* deles é a surdez e a matemática é sempre uma área em que têm menos dificuldades. Relativamente aos resultados em relação aos colegas. Os colegas sim têm alguma abertura relativamente à Língua Gestual Portuguesa embora ainda não tenhamos conseguido em termos de estabelecimento de ensino que haja abertura para que possamos dar aulas aos alunos ouvintes de modo que a língua gestual seja mais conhecida por eles. É como lhe disse, ainda temos alguma barreira relativamente às aprendizagens da língua gestual.

Como considera a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

Continuamos a estar muito dependentes em relação à inclusão dos alunos surdos nas aulas regulares. Os professores mudam constantemente, a cada ano o professor muda e se fazemos algum trabalho com alguns que têm alunos integrados, depois de repente chega-nos um professor que não tem o mínimo de competência e de conhecimento

relativamente à problemática. A inclusão vai resultar conforme o professor tem mais disponibilidade ou mais perfil para receber alunos com problemáticas ou não.

Os alunos surdos que apoia nas salas de aula regulares estão incluídos?

Alguns conseguem uma inclusão realmente a cem por cento, outros se não têm tantas capacidades cognitivas continuam a ter dificuldades na inclusão. Daí estarmos a pensar para o próximo ano retirar alguns alunos das salas do regular e fazermos uma turma especial onde teremos os alunos com um desenvolvimento linguístico que lhes permita ter resultados escolares com sucesso e onde iremos pôr um professor do ensino especial da área da surdez a lecionar essa turma para conseguirmos que eles cheguem ao 5º ano realmente com condições para ter sucesso.

Na sua perspetiva o que potencia uma melhor inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares?

O que poderia potenciar uma melhor inclusão dos alunos nas salas de aula do regular tem a ver com a abertura dos professores relativamente à inclusão e relativamente à deficiência.

Que estratégias sugeria para que isso acontecesse?

As estratégias que eu sugeria para que isso acontecesse é que, uma vez que somos uma escola de referência pudéssemos dar de alguma forma continuidade ao trabalho dos professores porque quando nós entregamos alunos surdos a um professor do regular normalmente damos-lhe formação e tentamos que eles percebam quais são exatamente as dificuldades que os alunos sentem e que os professores também promovam por parte dos alunos ouvintes uma melhor aceitação destes alunos.

**Anexo 10 - Análise de conteúdo das entrevistas aos
professores titulares de turma e aos
professores de Educação Especial**

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Considerações acerca dos resultados obtidos nos questionários respondidos pelos alunos surdos	Importância de turmas de ouvintes	Os alunos sentem-se bem	<i>... os alunos se sentem bem nas turmas de ouvintes e que é bom para eles estarem em turmas de ouvintes. (PTT1)</i>
	Integração dos surdos	No trabalho da sala de aula	<i>... estão de acordo com a perspetiva e com a forma como eu vejo a integração dos surdos porque é aquilo que eu sinto na minha sala. (PTT2)</i>
	Alunas sentem-se integradas	Gostam de estar na sala de aula	<i>Tenho 2 alunas que são surdas, (...) mas elas sentem-se integradas. (...) o que me salta mais à atenção é eles gostarem de estar cá. (PTT2)</i>
	Professores	Não domínio da língua gestual	<i>O fator negativo dos professores é nós todos não sabermos língua gestual (...) esforço-me ao máximo para que eles se sintam integrados e para que não se sintam à margem de tudo aquilo que se passa. (PTT2)</i>
	Alunas sentem-se bem na escola	Gostam de ir à escola	<i>... conseguimos perceber que os alunos realmente gostam de vir à escola e que se sentem bem neste tipo de escola (...). Gostam daquilo que fazem, gostam dos professores, gostam das atividades que lhes são propostas, gostam dos colegas. (PTT3) ... acho que é a realidade deles, acho que é uma realidade. (PEE1)</i>
	Surpresa	Língua Gestual Portuguesa	<i>... estava à espera que eles manifestassem a vontade de os professores falarem língua gestual com eles... (PEE2)</i>

	Apoios	Os necessários	<i>... sentem bem onde estão, que têm os apoios que necessitam... (PEE2)</i>
	Resposta adequada	Problemáticas e dificuldades essenciais	<i>... resposta exatamente adequada aquilo que são as nossas problemáticas e as dificuldades essenciais que os surdos sentem. (PEE3)</i>
	Resposta dos professores	Às necessidades	<i>... ainda não conseguimos neste momento que os professores respondam às nossas necessidades, que é mostrarem mais interesse pela língua gestual para que na leção dos conteúdos usem também a língua gestual e permitam às crianças surdas uma melhor integração e uma melhor aquisição dos conhecimentos. (PEE3)</i>
Expectativa relativamente aos resultados obtidos	Língua gestual portuguesa	Domínio do professor	<i>... alguns falam algumas coisas. Claro que manter uma conversa em língua gestual secalhar não. O professor do regular não domina a língua gestual, portanto não conseguirá manter essa conversa. (PTT1)</i>
	Opinião dos alunos	Incógnita	<i>... são sempre uma incógnita porque nós muitas vezes não sabemos qual é a opinião dos alunos mas penso que aquilo que está aqui é aquilo que eu sinto cá na escola, que acontece. (PTT2)</i>
	Língua gestual portuguesa	Situações complicadas	<i>... embora nem todos os professores tenham facilidade na língua gestual, por vezes cria algumas situações mais complicadas. (PTT3)</i>
	Reflexo do trabalho realizado	Na sala de aula	<i>... espelha aquilo que eles fazem nas salas e o trabalho que têm comigo e com o professor. (PEE1)</i>

	Tristeza	Quando não se fala Língua gestual portuguesa	<i>... não pensei que eles ficassem tão tristes, não manifestassem esta tristeza quando não falam língua gestual com eles exatamente porque estes sobre os quais o trabalho é feito, falam, compreendem a língua e usam as duas línguas sempre que podem e que querem. (PEE2)</i>
	Utilização da língua gestual portuguesa	Alunos ouvintes	<i>Os colegas sim têm alguma abertura relativamente à língua gestual portuguesa embora ainda não tenhamos conseguido em termos de estabelecimento de ensino que haja abertura para que possamos dar aulas aos alunos ouvintes de modo que a língua gestual seja mais conhecida por eles. (PEE3)</i>
	Barreiras	Língua gestual portuguesa	<i>... ainda temos alguma barreira relativamente às aprendizagens da língua gestual. (PEE3)</i>
Considerações sobre a inclusão	Contacto com a linguagem	Importante	<i>... acho muito importante. Considero que é de extrema importância porque lhes permite ter contacto com a linguagem. Eles ouvem e é importante ouvirem porque assim aprendem a falar. (PTT1)</i>
	Inclusão	Bem-feita Bem vista	<i>... a inclusão bem feita era ter sempre alguém a acompanhá-los de forma a que tivessem tudo de igual modo como os outros. (PTT2) ... é bem vista se eles perceberem o que está a acontecer. (PTT2)</i>

		Positiva	<p>... a inclusão é positiva mas também depende dos alunos, portanto, eu já tive os dois casos, aqueles alunos que conseguem ter uma boa capacidade de ouvido, o resultado torna-se positivo, quando a capacidade é muito reduzida, é complicado. (...) porque a maior parte deles o problema não é só a surdez, por vezes têm também problemas de compreensão. (PTT3)</p> <p>... meninos que ouvem estarem em turmas de alunos surdos, completamente surdos, não concordo, porque eles ouvem, eles falam, têm é que talvez ter mais algum apoio. (PTT3)</p>
	Competências	Desenvolvimento da língua portuguesa	<p>... se o aluno tiver competências para o desenvolvimento da língua portuguesa, de facto deve estar numa turma de ouvintes, não tenho dúvidas. (PEE2)</p>
	Aceder ao conhecimento	Compreensão da língua portuguesa	<p>As possibilidades que a criança tem de compreender a língua escrita e através da língua escrita aceder ao conhecimento é muito maior do que aceder ao conhecimento através da língua gestual ou da tradução da língua escrita para língua gestual. (PEE2)</p>

	Resultado da inclusão	Depende do professor	<i>Os professores mudam constantemente, (...) e se fazemos algum trabalho com alguns que têm alunos integrados, depois de repente chega-nos um professor que não tem o mínimo de competência e de conhecimento relativamente à problemática. A inclusão vai resultar conforme o professor tem mais disponibilidade ou mais perfil para receber alunos com problemáticas ou não. (PEE3)</i>
Inclusão de alunos surdos	Grupo de pertença	Identificação	<i>Sim, eu penso que sim que eles estão incluídos. (...) eles às vezes mostram que lhes apetecia estar com os surdos, acho que eles às vezes se identificam muito com os outros surdos da escola, (...) Às vezes dizem que gostavam de estar na sala com eles porque é uma questão de nós nos identificarmos com o grupo ao qual pertencemos. (PTT1)</i>
	Inclusão	Sentimento de igualdade	<i>Sim, sim, estão completamente incluídos, aliás, foi uma coisa que eu notei desde o primeiro dia que estou aqui. (...) que estavam completamente inseridos no grupo e era como se fossem completamente iguais aos outros. (PTT2)</i>
		Independentemente do acompanhamento por parte da criança	<i>Sim, na minha turma os alunos surdos estão incluídos. As duas meninas que tenho estão incluídas, portanto, uma acompanha, a outra não mas incluídas, estão. (PTT3)</i>
		Inclusão	<i>Sim. (PEE1)</i>

		Comunidade linguística	<i>Estão. (...) Apesar de eles manifestarem sempre um ponto de vista afetivo, manifestam a vontade de estar com os alunos que têm como língua comum, a língua gestual. Portanto, eles aproximam-se sempre sempre mais dos colegas surdos do que dos colegas ouvintes porque falam a mesma língua e a comunidade linguística é uma coisa importante. (PEE2)</i>
		Capacidades cognitivas limitadoras	<i>Alguns conseguem uma inclusão realmente a cem por cento, outros se não têm tantas capacidades cognitivas continuam a ter dificuldades na inclusão. (PEE3)</i>
Promoção de melhor inclusão	Formação de professores	Sensibilização dos professores	<i>Talvez formação de professores. Os professores terem sensibilidade para estas coisas, porque quanto mais sensibilidade os professores tiverem, melhor. (PTT1)</i>
	Alunos ouvintes	Lidar com a diferença	<i>... os alunos ouvintes também, quanto mais lidarem com a diferença mais recetivos estarão e mais "normal" acharão. Se nunca lidarem com a diferença, não vão achar nunca "normal". (PTT1)</i>
	Maior acompanhamento	Professor de educação especial a acompanhar a aula	<i>... que houvesse um acompanhamento ainda mais próximo e mais constante para que eles se sentissem completamente iguais aos outros (...) isto é, dois professores, o professor titular de turma e o professor que acompanhasse, secalhar seria ainda melhor. (PTT2)</i>

	Mais apoio	Explicar melhor os conteúdos	<i>... terem mais ajuda de uma professora de apoio que pudesse ajudá-los mais naquelas matérias que por vezes nos é mais difícil de explicar porque eles a nível de bases de linguagem têm muito pouco, os conteúdos não percebem muito bem e nós temos que explicar tudo ali muito bem explicado. (...) Seria muito mais produtivo, seria um aspeto bastante positivo para alguns (...)</i> (PTT3)
	Desenvolvimento	Língua oral	<i>Desenvolvimento da língua oral. A escrita também mas a escrita é mais fora do contexto sala de aula (...). O que desenvolve mais é a oralidade.</i> (PEE1)
	Mudanças na sala de aula	Menor número de alunos Tecnologias diferenciadas	<i>Menor número de alunos nas turmas, isso deve ser respeitado e o ter à mão e à disposição tecnologias diferenciadas para projeção de imagens.</i> (PEE2)
	Abertura	Relativamente à inclusão	<i>... abertura dos professores relativamente à inclusão e relativamente à deficiência.</i> (PEE3)
Estratégias para inclusão	Integração de surdos	Classes de ouvintes	<i>... a estratégia que se usa aqui na escola que é a integração de surdos em classes de ouvintes sempre que possível (...) acho que essa é a melhor forma de inclusão.</i> (PTT1)
	Formação	Professores	<i>Formação de professores ...</i> (PTT1)
	Alunos surdos	Ajuda dos ouvintes	<i>... colocar os alunos surdos ao pé de alguns assim melhorinhos para que os ajudem.</i> (PTT2)
	Mais professores de apoio	Mais número de horas	<i>Colocar mais professores de apoio para podermos ter mais número de horas ...</i> (PTT3)

	Materiais mais concretos	Para trabalhar	<i>... materiais mais concretos (...) Até a nível da matemática termos materiais mais concretos para podermos trabalhar com eles. (PTT3)</i>
	Professor do regular	Sensibilidade à problemática	<i>... que o professor do regular seja sensível à (...) problemática dos alunos surdos porque se o professor não estiver sensibilizado os meninos nunca fazem a inclusão. (PEE1)</i>
	Trabalho específico com professor de educação especial	Reforço ou antecipação da matéria	<i>... tem que haver um trabalho muito específico comigo, porque eu faço o reforço ou antecipação de tudo o que o professor dá ... (PEE1)</i>
	Língua gestual	Partilha das duas línguas	<i>... os professores aprendam língua gestual mesmo que seja rudimentar porque isso aproxima-os dos alunos. (...) partilha das duas línguas acho que é fundamental. (PEE2)</i>
	Continuidade do trabalho dos professores	Promoção para melhor aceitação dos surdos	<i>... dar de alguma forma continuidade ao trabalho dos professores (...) e que os professores também promovam por parte dos alunos ouvintes uma melhor aceitação destes alunos. (PEE3)</i>